

NOTA DE ABERTURA		
Saudade Baltazar Marcos Olímpio Francisco Sabino	04

CONTRIBUTOS INDIVIDUAIS		
Ana Pires da Silva	Acerca do projecto rur@I inov – inovar em meio rural.....	06
Associação Portuguesa de Mulheres Empresárias	Prémios distinguem excelência das empresárias da APME.....	07
Carla Henriques	Empreendedorismo social: Somos todos um – voluntariado na Terra dos Sonhos.....	09
Carlos Marques	O que pode “mexer” o empreendedorismo na agricultura do Alentejo?.....	11
CREmp AC	Breve apresentação do Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino no Alentejo Central.....	13
Eusebio Medina	Estructuras descentralizadas de apoyo a la actividad emprendedora en la Extremadura Española.....	15
Francisco Sabino	Emprender com conhecimento!.....	17
Fernandino Lopes	Empreendedorismo no immaterial.....	18
Isabel Maria Casimiro	Mulheres em actividades geradoras de rendimentos – experiências de Moçambique (Resumo).....	19
Isabel Sousa Brito	Apoio ao empreendedorismo na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Beja (IPBEJA).....	20
José F. da Veiga	Instalação de jovens agricultores no Alentejo.....	21
	Impacto da reforma da PAC pós-2013 sobre os diferentes tipos de agricultura em Portugal.....	23
Laurinda Grosso	Reflexões sobre o conceito de empreendedorismo/empreendedor.....	25
	Empreendedorismo e inovação social – conceito e prática.....	26

Luís Cavaco	O empreendedorismo no processo da sustentabilidade regional: A experiência da ADRAL.....	30
Manuel Lopes	Empreender empresarialmente no feminino.....	32
Marcos Olímpio	O insucesso como recurso pedagógico e de auto aprendizagem	33
	Grelha para levantamento de casos de empreendedorismo identificados no Alentejo.....	34
	Grelha adaptada da análise SWOT aplicável à criação de uma cultura de parceria e trabalho em rede entre as entidades que promovem e apoiam o empreendedorismo e os empreendedores(as)”	37
	Actuais e futuros problemas com que fundamentalmente se vão debater até 2013 e no ciclo 2014-2020 os agricultores do Alentejo – contributo para aprofundamento do tema.....	38
	Empreendedorismo em territórios de baixa densidade populacional com problemas de desenvolvimento (contributos para o debate sobre o tema).....	40
Margarida Bagão	Importância do contributo do voluntário na educação para o empreendedorismo – Lição aprendida.....	42
Maria Luísa Silva	As pessoas ao centro empreendedorismo para a sustentabilidade das organizações.....	44
	Sobre educação e formação para o empreendedorismo – uma reflexão sobre o professor <i>coach</i>	45
Maria Miguel Ferreira	2º encontro ibérico de empresas familiares “o desafio da produtividade nas empresas familiares”	30
Mário Encarnado	A importância do empreendedorismo juvenil para os territórios de baixa densidade.....	46
Miguel Barros	Economia informal e estratégias juvenis em contexto de contingência na Guiné-Bissau (Resumo).....	48
Patrícia Gomes	As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau (Resumo).....	49
Rui Fragoso	Desenvolvimento sustentável e empreendedorismo na Região Alentejo.....	50
Victor Dordio	Empreendedorismo no Concelho de Ferreira do Alentejo (Resumo)..	51

CONTRIBUTOS CONJUNTOS

Marcos Olímpio Margarida Vasco Joaquim Amado	Actuais e futuros problemas com que fundamentalmente se vão debater até 2013 e no ciclo 2014-2020 os agricultores do Alentejo – contributo para aprofundamento do tema.....	53
Luís Castilho Ana Luísa Brejo	O projecto Alentejo Empreende.....	55
Mário Encarnado Tiago Malato	Empreendedorismo Juvenil – Relatos de experiências vividas em dois contextos do Alentejo.....	56

CASOS DE SUCESSO APRESENTADOS NO 1º ENCONTRO		
Catarina Bucho Machado	Mercearia de Marvão.....	61
Helena Manso	@mesa.com.....	63

DESTAQUES, NOTÍCIAS E AGENDA	65
---	-------	----

ANEXOS		
RESULTADOS DO 1º E DO 2º ENCONTRO SOBRE EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE		
Resultados do 1º Encontro.....		72
Resultados do 2º Encontro.....		75

FICHA TÉCNICA	78
----------------------	-------	----



Saudade Baltazar
Departamento de
Sociologia / Universidade
de Évora

baltazar@uevora.pt



Marcos Olímpio
CISA-AS

mosantos@uevora.pt



Francisco Sabino
CCDR Alentejo

[francisco.sabino@ccdr-
a.gov.pt](mailto:francisco.sabino@ccdr-a.gov.pt)

Após termos percorrido, ao longo de dezassete meses, conjuntamente com aqueles(as) que nos têm acompanhado, um gratificante trajecto, em que contámos com os valiosos contributos de vinte e oito colaboradores(as), pensamos ter chegado o momento de coligir numa única publicação, os textos publicados nas Newsletters anteriores para divulgá-los agora neste documento

Os leitores têm assim acesso a vinte e três contributos individuais e três contributos conjuntos, a que se junta os dois casos de sucesso protagonizados pelas empresárias Catarina Machado (Marvão) e Helena Manso (Santiago de Cacém).

Mais uma vez agradecemos a todos(as) que se disponibilizaram para partilhar informações e opiniões interessantes sobre diversas facetas do empreendedorismo.

Para além desses textos, consta ainda nesta Newsletter (na rubrica Destaques, p. 65) a participação do Cremp (Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino / Alentejo Central), que nos informa sobre as actividades desenvolvidas por esta estrutura.

Na rubrica Notícias, são referidos os seguintes assuntos: i) O “Mentor-Emprende”, que é um motor de busca especializado em conteúdos relacionados com “empreendedorismo e criação de empresas”; ii) Abertura de concurso relativo a um «Estudo sobre o apoio ao potencial empreendedor do ensino superior»; iii) Plataforma para apoio a projetos de negócio apresentados por desempregados, e iv) Plano para a Igualdade da Terras Dentro.

Na rubrica Agenda dá-se conta do lançamento do livro *Empreendedorismo, Igualdade de Género e Desenvolvimento Regional e Local*, que terá lugar em Évora no próximo dia 25 do corrente mês. Dá-se ainda conta da apresentação dos resultados da 1ª edição do programa Faz-Te Forward no Faz-Te Forward Open Day, que terá lugar também no dia 25 de junho, na Fábrica do Braço de Prata, em Lisboa, evento promovido pela TESE – Associação para o Desenvolvimento.

Finalmente, nos Anexos I e II constam os resultados sucintos saídos do 1º e do 2º encontros sobre empreendedorismo em territórios de baixa densidade.

CONTRIBUTOS INDIVIDUAIS

Conforme referido acima, encontram-se incluídos neste ponto, os vinte e três contributos individuais (subscritos por um autor ou, da responsabilidade de uma única entidade), que foram publicados nas Newsletters anteriores.



Ana Pires da Silva

Técnico da Estrutura Técnica de Animação da Rede Rural
Nacional

anasilva@dgadr.pt

ACERCA DO PROJECTO RUR@L INOV – INOVAR EM MEIO RURAL

O projecto RUR@L INOV, desenvolvido em parceria entre a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e, a Direcção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pretende proporcionar um contributo muito relevante ao nível da identificação e divulgação de Boas Práticas de Inovação em Meio Rural, com impacto ao nível da promoção do empreendedorismo e inovação nas áreas rurais, bem como representar igualmente um contributo com previsível impacto na concepção e implementação de medidas de políticas capazes de dinamizar a inovação em meio rural, em Portugal e na Europa.

Objectivos Principais do Projecto:

1. Identificar, caracterizar e divulgar iniciativas inovadoras nas áreas rurais portuguesas, definindo-se inovação com base num conceito abrangente mas operacional;
2. Identificar os factores chave para o sucesso da inovação em meio rural, bem como os principais obstáculos e barreiras ao seu desenvolvimento e implementação;
3. Construção de Base de Dados e desenvolvimento de ferramentas (que não existem actualmente) que permitam acompanhar, monitorizar e avaliar os impactos da inovação;
4. Promover a interacção entre a comunidade inovadora e empreendedora em meio rural, com vista a potenciar a partilha de informação e de experiências, bem como a transferência de conhecimentos potenciando-se assim o efeito multiplicador da inovação;
5. Apresentar recomendações sobre orientações/medidas de políticas para a promoção da inovação nas áreas rurais.

Resultados:

1. Identificação e divulgação de Boas Práticas de inovação em Meio Rural;
2. Desenvolvimento de ferramentas para a recolha sistemática de informação sobre inovação em meio rural;
3. Avaliação dos impactos da inovação nas áreas rurais.

Produtos

Os resultados esperados serão materializados numa série de produtos como segue:

1. Documentos técnicos tipo “**policy brief**” (“Sistema de indicadores de medição da sustentabilidade de iniciativas inovadoras e impactos no desenvolvimento sustentável em meio rural”);
2. **Manual Técnico** que permite conhecer e compreender como promover boas práticas de inovação em meio rural;

3. Criar uma **rede de comunicação** e interacção que ligue toda a comunidade inovadora e empreendedora com actuação em meio rural, através de reuniões, workshops e desenvolvimento de plataforma que suporte esta rede de forma continuada e que potencie a sua expansão;
4. **Livro** com contributos relevantes sobre a inovação em meio rural, útil aos decisores e políticos responsáveis pela concepção e implementação das políticas públicas com impacto directo e indirecto sobre o empreendedorismo e inovação em meio rural;
6. Desenvolvimento de **Base de Dados** que permita numa fase posterior o acompanhamento, a monitorização e avaliação sistemáticas da inovação em meio rural.

Público-alvo

Abrange dois conjuntos de destinatários, conforme seguidamente se explana.

a) Directos: Empresários rurais, potenciais empreendedores, organizações de agricultores, agentes da administração central e local, políticos e decisores ligados à inovação e desenvolvimento regional e rural.

b) Indirectos: População das áreas rurais, sociedade em geral.

Devido à respectiva relevância, retomaremos este tema numa próxima Newsletter, a fim de podermos dar informações sobre alguns dos avanços conseguidos (Nota da Comissão Executiva do 2º Encontro).

PRÉMIOS DISTINGUEM EXCELÊNCIA DAS EMPRESÁRIAS DA APME

A excelência do empreendedorismo das associadas da APME é já uma realidade inegável, como os prémios europeus e nacionais ganhos, em 2011, pelas nossas empresárias mostram. Estes resultados provam, mais uma vez, o sucesso da APME em apoiar negócios sustentáveis, criar riqueza e apostar na sua distribuição.

A forma diferenciada e inovadora dos negócios empresariais criados por mulheres portuguesas, a determinação em “ousar fazer e, mais importante, ousar fazer diferente!”, dos negócios no feminino, começa a ter o reconhecimento merecido.

Prova deste “fazer diferente” é Sandra Correia, dirigente da APME, que foi considerada 'Melhor Empresária da Europa 2011' pelo Parlamento Europeu e “Mulher Portuguesa 2011” pelo site 'No Feminino Negócios', graças aos seus inovadores produtos de cortiça, com a marca Pelcor.

Esta distinção do trabalho de inovação num sector tradicional e do enorme sucesso obtido em levar o nome de Portugal aos 4 cantos do mundo e gerar valor para as suas empresas é o reconhecimento da excelência do nosso empreendedorismo feminino.

A versatilidade empreendedora no feminino não tem limites. Na área da ciência, Maria da Purificação Tavares, associada da APME, recebeu o “Estatuto PME Excelência 2011” do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação (IAPMEI), pelo trabalho de grande mérito desenvolvido no Centro de Genética Clínica que dirige.

A “excelência e carácter inovador dos vinhos” de Filipa Pato impressionou o júri da Feinschmecker, prestigiada revista alemã de gourmet que atribuiu o “Óscar do Vinho” de Melhor Produtora do Ano pela primeira vez a uma casa portuguesa.

Os nomes e casos de sucesso destas empresárias merecem ser referidos para que o empreendedorismo feminino tenha rostos, para que se saiba que contribui inequivocamente para a criação de emprego, de riqueza e sua distribuição no nosso país.

O potencial empreendedor feminino, sobretudo na situação actual, deve ser estimulado e apoiado, não só como forma de criar novos negócios, mas também como forma de tornar as empresas mais competitivas e rentáveis e, assim, dinamizar a economia. Esta decisão tem de ser assumida pelo poder político português, pois na UE este potencial já é reconhecido como fundamental para encontrar novas respostas à situação que vivemos. E este atraso sai caro ao País...

O Talento Não Tem Género. E é uma riqueza que não podemos desperdiçar!



Carla Henriques

Terra dos Sonhos – Núcleo de Évora

nucleo.evora@terradossonghos.org

EMPREENDEDORISMO SOCIAL SOMOS TODOS UM – VOLUNTARIADO NA TERRA DOS SONHOS

A **Terra dos Sonhos** é uma organização de solidariedade portuguesa, sem fins lucrativos (IPSS), fundada no dia 1 de Junho de 2007, Dia Mundial da Criança. A sua principal actividade consiste na realização dos sonhos de crianças e jovens diagnosticados com doenças crónicas e/ou em estado avançado de doença, crianças e jovens carenciadas e idosos, como forma de transmitir uma mensagem de esperança na possibilidade de realização dos seus objectivos mais inspiradores, independentemente de circunstâncias, condicionamentos e limitações.

Na **Terra dos Sonhos** para além de se transpirem os "princípios enquadradores do voluntariado", expostos no art.º 6º da Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro (solidariedade, participação, cooperação, complementaridade, gratuidade, responsabilidade, convergência), assume-se o voluntariado como um compromisso humano enriquecedor: doa-se energia e criatividade mas ganha-se em troca contacto humano, a convivência com pessoas diferentes e muitas vezes em situações de grande sofrimento, a oportunidade de aprender e experienciar coisas novas, a satisfação de se sentir útil!

E de que forma é que o voluntariado da Terra dos Sonhos se traduz numa forma de empreendedorismo social?

Enquanto voluntária na equipa dos "alquimistas" (n.º 11 EVR), ser empreendedor é qualidade obrigatória: acreditamos que os nossos sonhos são forças motrizes e grandes impulsionadores da busca da felicidade. Por isso, sempre que nos aventuramos na concretização de mais um sonho, reaprendemos a conhecermo-nos muito bem (os nossos recursos, aptidões, qualidades, fraquezas) enquanto pessoas e enquanto equipa, buscando o equilíbrio, para que o resultado seja mágico. Assim, mais do que um dia de sonho, proporcionamos uma acção duradoura e com qualidade, um hábito de coração, uma virtude cívica: motivar os nossos beneficiários a acreditarem na força transformadora dos seus sonhos e na sua capacidade para os realizarem, apoiar na construção do caminho para a sua felicidade, ajudar na descoberta das suas ferramentas para alcançarem os seus objectivos mais inspiradores. **Tudo é um todo e todos ganham:** o voluntário, aquele com quem o voluntário trabalha, a comunidade que por sua vez se transforma e nos transforma! Todos podem contribuir para os sonhos de todos: sonhadores obreiros, sonhadores amigos, sonhadores criativos, sonhadores mecenas, empresas de sonho, instituições de sonho, hospitais de sonho, marcas de sonho, produtos de sonho, iniciativas de sonho, projectos de sonho.

Ao acreditarmos nas pessoas e na vida, mesmo quando esta tem os seus dias bem contados, com um sentido de missão bem definido, coragem, sagacidade, determinação, capacidade de superação, alegria, espírito de equipa, envolvimento, transparência... e sobretudo criatividade (qualidade já apontada por

Joseph Schumpeter em 1950 no conceito de empreendedorismo), todos os obstáculos e contrariedades são alavancas para dias melhores. Esta missão foi recentemente reconhecida pelo IES – Centro de Formação e Investigação em Empreendedorismo Social como uma iniciativa de elevado potencial de empreendedorismo social no âmbito da pesquisa ES+Porto, o que indica que a sociedade está a deixar-se contagiar: um sorriso vale tudo!

Acreditamos na força inspiradora e transformadora dos pequenos momentos únicos, como motor de melhoria da qualidade de vida daqueles que vêm os seus sonhos realizados e dos seus familiares e, de um modo geral, de todas as pessoas que convivem de perto com estas realidades. Mas acreditamos sobretudo que nutrimos os sonhos de cada um, inclusive os nossos, e aprendemos a descobrir as áreas de maior potencial de desenvolvimento, a desenvolver a inteligência emocional, a fazer opções, a definir os seus próprios objectivos, a analisar os seus próprios erros não como cadastro mas como oportunidades de crescimento.

Já passamos os 365 sonhos em Portugal...Nesta Terra dos Sonhos, não há limites, não há impossíveis: se és capaz de sonhar, és capaz de o fazer! Walt Disney

Para mais informações aceder a: www.terradossongos.org



Carlos Marques

Univ. de Évora
(Dep. de Gestão)

cmarques@uevora.pt

O QUE PODE “MEXER” O EMPREENDEDORISMO NA AGRICULTURA DO ALENTEJO?

Portugal tem vindo a beneficiar de fundos comunitários para desenvolver a economia, incluindo a agricultura, há mais de 25 anos. Vem aí mais um ciclo de fundos comunitários (2014-2020). Naturalmente, que esses fundos representam um relevante apoio ao investimento e ao rendimento dos agricultores e são um importante contributo para o desenvolvimento socioeconómico de Portugal pois promovem a criação e a distribuição de riqueza, incluindo a criação ou sustentação de emprego, nomeadamente através do empreendedorismo.

Apesar de beneficiarmos dessa fonte de recursos financeiros não foi possível rejuvenescer o sector agrícola, sendo uma das actividades económicas em que o capital humano é menos jovem. O índice de envelhecimento é assustador no Alentejo. Mas na população activa é ainda mais assustador na agricultura. Porque não houve mais empreendedorismo na agricultura e porque não conseguimos rejuvenescer a nossa agricultura? Simultânea e curiosamente, ouvimos nos últimos tempos relatos de que há mais dinamismo e uma boa parte de agricultores jovens se têm vindo a instalar, apesar dos tempos serem de crise. Também, porquê esta súbita inversão de tendência depois de tantos anos?

Pelo menos por três razões. A primeira é a questão do acesso à terra. O investimento em terra requer a disponibilidade de fundos financeiros consideráveis ou de prestação de garantias reais, recursos que escasseiam, no início profissional dos empreendedores, quando não têm outra alternativa de acesso a terra. A segunda, porque a agricultura mesmo para quem tinha terra é um estigma do ponto de vista profissional. A crise pode ter ajudado a mudar esta percepção pois a alternativa, o desemprego, mesmo com formação superior, parece começar a ser pior e a alterar padrões comportamentais. A terceira é a de que não foi necessário investir na agricultura durante muito tempo pois a PAC ajudava sem ser necessário arriscar. Também esta noção está a mudar. Muito lentamente, primeiro com o desligamento do nível de produção, depois da orientação produtiva e do regime de pagamento único, em breve, do histórico do produtor e, simultaneamente, do reforço dos aspectos públicos de ligação ao ambiente da política agrícola.

Face ao objectivo e à dimensão exigida a este artigo, permitam-me que me centre na primeira tecendo algumas notas sobre a promoção do empreendedorismo jovem na agricultura. Só se faz agricultura com terra e a terra é muito cara. A alternativa é o arrendamento. Mas o mercado de arrendamento rural que poderia facilitar o acesso funciona mal e ajusta-se muito lentamente. Os empresários agrícolas com terra podem ceder parte da terra aos seus filhos empreendedores e acompanhar a sua evolução profissional. O estado promove esta opção e através de medida específica do PRODER tem, recentemente, reforçando a atribuição de fundos iniciais a fundo perdido, encorajado famílias e jovens agricultores a prosseguir os seus empreendimentos. Mas, também se pode começar a empreender

numa escala pequena, particularmente no caso dos que não têm essa forma de acesso à terra e têm que procurar uma alternativa. Neste sentido as entidades públicas, nomeadamente o ministério, as instituições de ensino superior, as autarquias, e outras organizações não governamentais, como as misericórdias, as fundações e mesmo as empresas, podem ajudar e tornar-se promotores e monitores de empreendedores, através do arrendamento ou da disponibilização de terra e do seu acompanhamento, constituindo e gerindo bancos ou bolsas de terras, criando lotes para arrendamento e instalação de projectos de empreendedores em terrenos públicos e privados que dispõem, estabelecendo e orientando a instalação de hortas comunitárias ou individuais ou de locais para experimentação e cultivo de tecnologias ou de novos produtos.

BREVE APRESENTAÇÃO DO CENTRO DE RECURSOS DE EMPREENDEDORISMO FEMININO NO ALENTEJO CENTRAL

O Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino no Alentejo Central (CREmp AC) tem por objectivo central contribuir para o crescimento regional e para o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho reforçando competências nos domínios do empreendedorismo, inovação e novas tecnologias de informação através, nomeadamente, do desenvolvimento de acções que permitam melhorar a visibilidade dos produtos das empresárias, incentivar e atrair a criação de novos empregos por e para as mulheres, melhorar as respectivas competências profissionais e prestar um apoio diferenciado e adequado a este público.

O CREmp AC foi implementado e dinamizado junto das mulheres empresárias a partir de Abril de 2012. A Rede de Mulheres Empresárias foi constituída em Outubro de 2012 com a participação de 9 empresárias do SP3 PRODER, com uma boa perspectiva de crescimento. A rede encontra-se aberta a todas as mulheres empresárias do território de intervenção do Monte.



A Rede de Mulheres Empresárias está a ser dinamizada através do Centro de Recursos de Desenvolvimento Rural (CRDR) para a divulgação das actividades do projecto, acções de formação, workshops, visitas de boas práticas, numa perspectiva de apoio, de troca de experiências e de intervenção dinâmica entre as mulheres que constituem a rede, reunindo mensalmente.

No decorrer da reunião de Outubro, foram identificadas as necessidades formativas da rede e programadas as próximas acções, de “Criação do próprio negócio” e de aplicação das novas tecnologias na comercialização, “O meu negócio na Internet”, ambas a iniciarem em Janeiro de 2013.

Para reforço de competências e de acordo com as necessidades identificadas foram planificadas um conjunto de acções de formação, presenciais, e-learning e/ou b-learning, na área da gestão, de criação de empresas, de relações interpessoais, de gestão de recursos humanos e liderança, de tecnologias de informação e comunicação, de construção do plano de negócios, entre outras pequenas acções em formato de workshop sobre temas específicos.

Foram ainda agendadas as visitas a realizar ao território parceiro da ADRACES, a primeira em 25 de Janeiro de 2013, numa perspectiva de dinamizar a rede de cooperação entre empresárias das duas regiões, onde a troca de experiências tem um papel dinâmico no desenvolvimento das suas actividades, de conhecer outras empresárias enquadradas em actividades similares. Perspectiva-se ainda a realização de uma visita de âmbito transnacional a realizar em Junho.

Foi elaborada uma metodologia de apoio ao empreendedorismo que visa o apoio ao empreendedor e ao técnico que presta o serviço pelo CREmp. Esta metodologia será validada pelas/os empresárias/os do território e apresentada a versão final até Julho de 2013.

O CREmp AC disponibiliza ainda assessoria jurídica às empresárias que compõem a Rede e uma acção de mentoring, de partilha de experiências e de conhecimentos para orientação e ou aconselhamento no desenvolvimento das suas actividades.



Eusebio Medina

Universidad de Extremadura

emedina@unex.es

ESTRUCTURAS DESCENTRALIZADAS DE APOYO A LA ACTIVIDAD EMPRENDEDORA EN LA EXTREMADURA ESPAÑOLA

En la región de Extremadura (España) las competencias para la promoción de políticas activas de empleo recaen principalmente en el Gobierno autonómico a través de los Planes de Empleo de Extremadura que se vienen ejecutando en la región prácticamente desde finales de los años ochenta del pasado siglo. Entre los Programas más antiguos y actualmente vigentes se encuentran la Red de Agentes de Empleo y Desarrollo Local, conformada por unos doscientos agentes de empleo distribuidos por todo el ámbito territorial de Extremadura, ubicados en la mayor parte de los casos en las dependencias de los mismos ayuntamientos. Estas Agencias de Empleo y Desarrollo Local son un servicio gratuito que presta la administración local, en colaboración con el Servicio Público de Empleo (SEXPE), la Red de Desarrollo Rural de Extremadura (REDEX), las mancomunidades de municipios y las diputaciones provinciales de Cáceres y de Badajoz, teniendo como finalidad la dinamización de los territorios, la promoción del empleo y el apoyo a la generación de actividad empresarial. Más información:

<file:///Users/imac/Desktop/Red%20de%20Agentes%20de%20Empleo%20y%20Desarrollo%20Local%20de%20Extremadura.webarchive>

El Gobierno de Extremadura dispone de otros Programas de apoyo a la actividad innovadora, en el marco de los Planes de Empleo regionales, como es el Programa para el Fomento de Actividades Emprendedoras (PROFACE), el cual promueve la creación de empresas de servicios en aquellas zonas geográficas donde se detecten oportunidades de negocio. Este Programa, también de carácter descentralizado, está dirigido específicamente a personas desempleadas que hayan pasado por algún proceso de formación o inserción y tengan la intención de crear empresas en alguno de los sectores considerados prioritarios; así como a los empresarios que ya operan en estos ámbitos y quieran participar. Más información:

<http://www.esi-proface.com/index2.php>

<http://www.youtube.com/watch?v=nR2ijRZGj8&feature=relmfu>

Además, existen a nivel regional otras organizaciones, iniciativas y acciones orientadas a favorecer el emprendimiento dentro de la región. Entre ellas destacamos las siguientes:

El Área de Desarrollo local de la Diputación de Badajoz: Proyecto Empezar en la Frontera. Más información en:

[http://web.dip-](http://web.dip-badajoz.es/proyectos/emfron/index.php?modulo=noticias&pagina=noticia.php&bloque=1&origen=portada&id_noticia=46)

[badajoz.es/proyectos/emfron/index.php?modulo=noticias&pagina=noticia.php&bloque=1&origen=portada&id_noticia=46](http://web.dip-badajoz.es/proyectos/emfron/index.php?modulo=noticias&pagina=noticia.php&bloque=1&origen=portada&id_noticia=46)

La Confederación de Entidades para la Economía Social y Autónomos de Extremadura (CEPES), en la que se integra la Organización de Mujeres Empresarias de Extremadura (ORMEX) junto con otras ocho organizaciones del ámbito de la economía social. Más información:

<http://www.cepes-extremadura.org/index.php>

<http://www.ormex.es/>

<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=ZG6MitQYxSU>

A nivel local, el apoyo de los ayuntamientos a los emprendedores locales es de suma importancia, ya que ellos conocen de primera mano la realidad de los municipios y la problemática de las gentes que los habitan; sin embargo, son pocos los ayuntamientos en Extremadura y posiblemente en toda España que lideren este tipo de iniciativas, quizá porque piensan que esta no es su función o bien que dicha función ya la cubren otros agentes sociales, como los anteriormente mencionados; no obstante, existen algunas notables excepciones que queremos resaltar aquí, entre ellas está el caso de la localidad de Alburquerque y su apuesta decidida en favor de las energías renovables (Alburquerque cuenta en la actualidad con cinco proyectos de plantas termosolares), del municipio de Carcaboso, primera localidad extremeña declarada libre de transgénicos donde se ubica además un Centro Agroecológico inaugurado en abril de 2010; y el caso de Logrosán, donde hace varios años, un grupo de mujeres tomó la iniciativa de crear una Asociación para la Formación y el Empleo de Mujeres en Ámbito Rural (FEMAR) y montaron una sociedad cooperativa para el reciclaje de residuos y para la puesta en marcha de una residencia de ancianos.

Más información:

Sobre Carcaboso:

<http://www.ruralnaturaleza.com/og/experiencias-ejemplares/propuesta/centro-agroecologico-carcaboso>

<http://www.carcaboso.com/2010/06/09/dos-videos-nos-presentan-un-carcaboso-ecologico/>

Sobre Logrosán:

<http://asociacionfemar.blogspot.com.es/>

<http://logrosan.wordpress.com/2010/05/10/la-residencia-de-mayores-femar-a-fondo/>

<http://logrosan.wordpress.com/tag/femar/>

Consideramos que estas iniciativas que se desarrollan a nivel local son de sumo interés de cara a la implementación de políticas activas de empleo y a ellas les dedicaremos próximamente nuestra atención.



Francisco Sabino

CCDR Alentejo

francisco.sabino@ccdr-a.gov.pt

EMPREENDER COM CONHECIMENTO!

Na sequência do Encontro que decorreu recentemente na Universidade de Évora, sobre Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade e cujas conclusões principais são abordadas nesta Newsletter, o autor, num texto mais amplo, destaca o facto de, em todos os painéis do mesmo, os diferentes oradores se terem referido à necessidade de um maior conhecimento e sistematização da informação sobre as medidas de apoio existentes, tendo sido inclusive lançado o desafio a duas entidades públicas para coordenarem uma acção de sistematização e de partilha de informação sobre o conjunto de projectos e iniciativas aprovadas a nível do empreendedorismo, por forma a que essa informação possa ser do conhecimento público e, assim, evitem-se financiamentos duplicados ou com zonas de interesse muito semelhantes, conflituando-se interesses onde antes se devem complementar.

Neste sentido, o autor, deixa para reflexão as seguintes ideias/questões:

1. Não seria hoje interessante, à luz deste novo paradigma, que dá pelo nome de empreendedorismo, ter conhecimentos da avaliação de programas tão difundidos na região, como foi o caso da iniciativa ILE, alvo de largas centenas de candidaturas, tendo servido para mitigar e até resolver algumas situações de desemprego de algumas pessoas que a elas recorreram?
2. Não seria interessante visitar esses modelos e perceber, nos que tiveram sucesso, e que ainda hoje lhes é possível seguir o rasto, o que terão a dizer perante esta realidade. Ou, como também foi referido no Encontro, procurar saber dos insucessos e das causas que os determinaram?

Termina, com considerações em torno dos desafios colocados a quem se propôs ou se propõe empreender em territórios de baixa densidade sem os apoios adequados, o que torna essa tarefa mais refém do insucesso.



Fernandino Lopes

CM Alter do Chão

f.godinholopes@gmail.com

EMPREENDEDORISMO NO IMATERIAL

A oportuna iniciativa dedicada ao **Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade Populacional, em Conjuntura de Crise Sistémica**, consubstanciada no encontro realizado no passado dia 17 de Janeiro na Universidade Évora pela mão do CISA-AS, recenseou um conjunto muito importante de informação sobre este novo paradigma que se centra, fundamentalmente, no espírito empresarial e na capacidade de iniciativa. Fala-se em empreendedorismo e pensa-se em negócio!

Contudo, a conjugação dos problemas de um território de características regressivas, para usar a expressão do Prof. Marcos Olímpio no documento¹ que serviu de apoio ao Encontro já referido, com o objectivo final do empreendedorismo, pelo menos naquele que mais comumente lhe está associado, a geração de negócio, resultará num saldo que se advinha negativo.

Assim, sem colocar em causa a imperiosa necessidade de discutir os proveitos que o empreendedorismo – na óptica: *fala-se em empreendedorismo e pensa-se em negócio!* – pode acrescentar à economia, muito menos a capacidade de realização que uma sociedade empreendedora tem face àquela que não o é, parece-me pertinente, pelas características intrínsecas dos territórios de baixa densidade populacional – como é o caso do Alentejo, desenvolver, paralelamente, acções que promovam e encorajam a criatividade e a iniciativa, tendo por base as potencialidades que no caso do Alentejo lhe são unanimemente reconhecidas: património, cultura, paisagem. Empreendedorismo no imaterial, como se poderia designar, valeria, principalmente, pela capacidade de gerar dinamismo, potenciar interesses, galvanizar vontades, dar visibilidade e criar ambiente favorável a partir destas mais-valias – que também têm valor económico, nem sempre aproveitado – para o reconhecimento e o incremento do espírito empreendedor na sua visão mais dirigida à economia.

O associativismo, nas suas multifacetadas vertentes, teria aqui um papel importante quando orientado para estratégias coordenadas e acções concertadas com vista a atingir objectivos comuns. O Desenvolvimento Local só teria a ganhar!

¹ *Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade Populacional com Problemas de Desenvolvimento - Contributos para o Debate sobre o Tema* (versão de 02/01/2012).



Isabel Maria
Casimiro

Docente e investigadora do Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique

isabelmaria.casimiro@gmail.com

MULHERES EM ACTIVIDADES GERADORAS DE RENDIMENTOS – EXPERIÊNCIAS DE MOÇAMBIQUE

Nos últimos anos várias pesquisas e estudos em Moçambique têm-se debruçado sobre a participação de mulheres em actividades geradoras de rendimento e através da sua organização em associações diversas, revelando que as de carácter endógeno podem ser potencialmente emancipatórias para as mulheres, permitindo-lhes o acesso, controlo e/ou partilha de recursos, a melhoria das condições materiais, a criação de condições para a auto-sustentabilidade e também o acesso a cargos de direcção, fazendo emergir saberes, conhecimentos e práticas ausentes do modelo dominante androcrático. Nestas variadas formas associativas verificam-se processos de negociação e de contestação perante a diversidade de práticas e normas, e das mudanças internas que lhes são inerentes, possibilitando-lhes a reprodução do sistema com minimização de riscos sociais e a aquisição não apenas de recursos materiais mas também políticos ou sociais possibilitado-lhes aceder aos mecanismos que garantem a continuidade do acesso aos recursos.

As pesquisas também têm permitido identificar, reconhecer e valorizar as diversas formas que a participação das mulheres assume, os silenciamentos sobre os seus saberes, conhecimentos e práticas, as suas percepções e representações, devolvendo-lhes o necessário protagonismo, através de formas próprias de inteligibilidade e de tradução, que permitam resgatar a imensa diversidade de experiências sociais, de modos de vida e de resistências por si engendrados². As actividades geradoras de rendimento fundadas nas práticas informais de economia solidária e *xitique*³ - por exemplo as Associações de Poupança e Crédito Rotativo, as ROSCAS e as ASCAS - são alternativas a que os pobres recorrem para o combate à pobreza. Entretanto é de salientar que o Estado e os Bancos se eximem das suas responsabilidades, deste modo acabando por reproduzir o emprego informal e precário e em que as mulheres continuam a funcionar como almofadas para aparar os choques dos reajustes estruturais capitalistas⁴.

O texto completo consta no seguinte endereço da página do CISA-AS:

www.cisa-as.uevora.pt/empreendedorismo.htm

² Santos, Boaventura de Sousa 2002 "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências". In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 63, pp. 237-280, Coimbra, Portugal.

³ Designação em língua changane que se refere a uma prática endógena de poupança envolvendo sobretudo mulheres.

⁴ Elson, Diane 1997 "Gender Analysis and Economic in the Context of Africa". In: Imam, Ayesha, Amina Mama and Fatou Sow (eds) *Engendering African Social Sciences*, CODESRIA, Dakar.



Isabel Sousa Brito

IPBeja

isabel.sofia@ipbeja.pt

APOIO AO EMPREENDEDORISMO NA ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA (IPBEJA)

O apoio ao empreendedorismo no Instituto Politécnico de Beja (IPBeja) é feito através do Centro de Transferência de Conhecimento. Todos os anos este Centro promove o empreendedorismo através de inúmeras atividades, tentando motivar a academia, discentes, docentes e não docentes, para o empreendedorismo, e dando-lhes o apoio necessário para que desenvolvam as suas ideias e as concretizem num projeto e/ou empresa. Estas atividades estão refletidas em <https://www.ipbeja.pt/idesenvolvimento/ctc/Paginas/OCTC.aspx>

Na área da Agricultura, e em articulação com a Escola Superior Agrária, têm surgido ao longo dos últimos anos ideias inovadoras que se traduziram em projetos de sucesso, designadamente **MyFarm.com** e **Limpágua**. O projeto **MyFarm.com** (<http://www.myfarm.com.pt/>) tem por objetivo, através da Internet, a gestão de culturas hortícolas. Não é uma horta virtual, mas sim uma horta real, em que os produtos cultivados serão entregues na sua casa, ou no seu local de trabalho. Este projeto está a decorrer nas instalações do IPBeja, nomeadamente no Centro Hortofrutícola e no Centro de Transferência de Conhecimento do IPBeja, e estão envolvidos docentes e alunos do IPBeja. Os contatos são MyFarm.com, Centro Hortofruticola do IPBeja, Horta do Calvário, 7800-346 Beja. E-Mail: geral@myfarm.com.pt

O projeto **Limpágua** surge em consequência do desenvolvimento prévio de uma tecnologia de baixo custo e de fácil aplicação e manutenção que está em fase de patenteação. Esta particularidade torna este projeto **inovador** no mercado. A tecnologia desenvolvida é capaz de transformar a água residual de agroindústrias e doméstica em dois subprodutos com valor acrescentado: um fertilizante e um corretivo agrícola rico em matéria orgânica fósforo e azoto. Esta tecnologia permite a implementação de *Zero discharge systems* em agroindústrias e casas isoladas. Por isso pretende ser um **desafio ambiental**, uma vez que viabiliza o desvio de águas altamente poluentes para o meio hídrico. Este projeto está a decorrer nas instalações do IPBeja, nomeadamente nos laboratórios da Escola Superior Agraria e no Centro de Transferência de Conhecimento do IPBeja, e estão envolvidos uma docente e três alunas do IPBeja. O contato é Maria de Fátima Nunes de Carvalho, Escola Superior Agraria, R. Pedro Soares, Campus do Instituto Politécnico de Beja, Apartado 6155 7800-295 Beja mfcarvalho@ipbeja.pt .



José F. da Veiga

Direcção Reg. de Agricultura e Pescas do Alentejo

jfveiga@drupal.min-agricultura.pt

INSTALAÇÃO DE JOVENS AGRICULTORES NO ALENTEJO

A renovação e o rejuvenescimento das explorações agrícolas é um processo que decorre com muitas dificuldades e com grande lentidão agravando-se, progressivamente, o grau de envelhecimento dos produtores agrícolas, com consequências negativas no desenvolvimento da agricultura. No Alentejo, segundo o Recenseamento Agrícola de 2009, 52% dos produtores singulares, ou seja 15.186 produtores, têm 65 ou mais anos, registando-se um acréscimo nesta classe etária de 2% de 1999 para 2009. As restantes classes etárias registaram no mesmo período decréscimos acentuados, menos de 35 anos decréscimo de 48%, 35 a menos de 45 anos decréscimo de 35%, 45 a menos de 65 anos decréscimo de 24%.

Face a esta realidade as políticas públicas sectoriais têm procurado criar incentivos que acelerem o processo de renovação e o rejuvenescimento, facilitando a instalação de jovens na agricultura, antecipando a reforma dos produtores mais velhos e/ou associando os jovens (filhos) à gestão dos mais velhos (pais) em sociedades de tipo familiar (Sociedades de Agricultura de Grupo).

No presente período de programação (2007-2013) o Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (PRODER) inclui apenas uma ação que visa apoiar a instalação inicial de jovens com mais de 18 e menos de 40 anos na agricultura, a Ação 1.1.3 Instalação de Jovens Agricultores.

Os apoios previstos revestem a forma de um prémio à instalação e de ajudas ao investimento, como subsídios não reembolsáveis dentro dos níveis e limites de apoio fixados no Anúncio de Período de Apresentação de Pedidos de Apoio em contínuo de 12 de Maio de 2012 da Gestora do PRODER (www.proder.pt).

Os resultados atingidos nos anos já decorridos são os que constam no Quadro 1.

Quadro 1 – PRODER - Ação 1.1.3 Instalação de Jovens Agricultores

ANO	Nº de Pedidos de Apoio entrados no PRODER		
	Alentejo	Continente	%
2008	120	1.043	11,5
2009	179	1.892	9,5
2010	190	1.740	10,9
2011	162	1.449	11,2
Total	651	6.124	10,6

Fonte: www.proder.pt

Nos quatro anos completos de execução candidataram-se à Ação de apoio à instalação de jovens agricultores no Alentejo 651 jovens, o que dá uma média anual de 163 jovens. No Continente candidataram-se 6.124, média anual de 1.531 jovens. O Alentejo representou em média 10,6% do

Continente. Dos 651 candidatos no Alentejo 65% (422) têm já contrato assinado com o IFAP estando a executar o seu plano empresarial de desenvolvimento da exploração.

Os Pedidos de Apoio entrados no PRODER, até 25 de Maio de 2012, apresentam as seguintes características mais importantes:

- 31% dos Pedidos de Apoio no Alentejo foram apresentados por mulheres, no Continente a mesma relação é de 40%;
- 28% dos Pedidos de Apoio no Alentejo foram apresentados por pessoas coletivas, sociedades por quotas cujos gerentes, jovens na aceção da Ação, detêm a maioria do capital social. No Continente a mesma relação é de 15%;
- 89% dos Pedidos de Apoio no Alentejo incluem projeto de investimento. No Continente a mesma relação é de 85%. Com as alterações introduzidas ao Regulamento da Ação 1.1.3 em Maio de 2011 a atribuição do prémio à instalação passou a estar necessariamente associado a um projeto de investimentos, logo as percentagens referidas vão perdendo o seu significado.

Na comparação com o Continente os Pedidos de Apoio apresentados no Alentejo apresentam uma menor percentagem de mulheres candidatas e uma maior percentagem de pessoas coletivas e de projetos de investimento associados à instalação.

A percentagem de mulheres que se candidataram a jovens agricultoras no Alentejo apesar de ser inferior à do Continente é superior à percentagem de mulheres apurada no Recenseamento Agrícola de 2009 como estando já a dirigir explorações agrícolas, 22% dos produtores singulares.

No que respeita às pessoas coletivas, sociedades por quotas, a maior percentagem pode integrar-se numa tendência que se está a verificar no Alentejo. No Recenseamento Agrícola de 2009 as sociedades representam já 7,6% das explorações agrícolas e 38% da Superfície Agrícola Utilizada (SAU).

A política de apoio à instalação de jovens agricultores tem vindo a ser ajustada, quer a nível da tramitação processual quer dos níveis e limites de apoio, com vista a assegurar uma maior adesão. Contudo, os seus resultados parecem ser ainda muito limitados, o que leva a concluir que existem outros fatores, de natureza contextual, que condicionam o êxito desta política específica.

De entre estes fatores merece particular destaque o acesso à terra, por compra ou arrendamento, cujos mercados se têm caracterizado por uma grande rigidez. A iniciativa pública de criar uma “bolsa de terras” pode vir a dar um contributo importante no sentido da sua flexibilização.

A renovação e o rejuvenescimento das explorações agrícolas, com a instalação de jovens na agricultura, colocam questões próprias à conceção do regime de incentivos e questões que a ultrapassam e que têm a ver com o contexto económico, político e cultural, cujo debate é muito importante para o futuro do empreendedorismo na agricultura do Alentejo.



José F. da Veiga

Direcção Reg. de Agricultura e
Pescas do Alentejo

ifveiga@drapal.min-agricultura.pt

IMPACTO DA REFORMA DA PAC PÓS-2013 SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE AGRICULTURA EM PORTUGAL

O Gabinete de Planeamento e Políticas (GPP) do MAMAOT adjudicou à AGRO.GES um estudo, no âmbito do Programa da Rede Rural Nacional, para avaliar “o impacto sobre os diferentes tipos de agricultura portuguesas decorrente da reforma da PAC” cujo relatório final foi apresentado em 31 de dezembro de 2011, e que pode ser consultado no sítio do GPP http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/2011_12_impacto_reforma_pac.pdf

Neste estudo, identificam-se e caracterizam-se os diferentes tipos de explorações agrícolas, mais representativos da agricultura portuguesa, e ensaiam-se três cenários alternativos, resultantes das opções em debate e das incertezas que ainda estão associadas aos futuros pagamentos diretos do 1.º pilar da PAC, que permitem avaliar os impactos previsíveis a nível empresarial, sectorial e regional.

Os três cenários alternativos considerados foram os seguintes:

- Cenário A – Propostas da Comissão Europeia sem recurso aos pagamentos diretos ligados à produção e sem recurso a transferência de verbas do 2.º para o 1.º pilar da PAC;
- Cenário B – Propostas da Comissão Europeia com recurso aos pagamentos diretos ligados à produção mas sem recurso a transferência de verbas do 2.º para o 1.º pilar da PAC;
- Cenário C - Propostas da Comissão Europeia com recurso aos pagamentos diretos ligados à produção e com recurso a transferência de verbas do 2.º para o 1.º pilar da PAC, mas sem recurso aos pagamentos às zonas com desvantagens naturais.

Os resultados obtidos, até 2019, indiciam um impacto positivo da reforma da PAC pós-2013 no Valor Acrescentado Bruto a custo de fatores do conjunto das explorações agrícolas portuguesas, entre 2,5% no Cenário A e 4,4% no Cenário C, mas com grande disparidade a nível empresarial, sectorial e regional. Há explorações agrícolas, setores e regiões ganhadoras e explorações agrícolas, setores e regiões perdedoras.

Em termos empresariais e setoriais as explorações agrícolas especializadas em bovinos e carne extensivos e em ovinos e caprinos são as grandes ganhadoras (28 a 42%), já as explorações especializadas em arroz, tomate para indústria, milho, bovinos de leite e bovinos de carne intensivos são as grandes perdedoras (28 a 71%). As explorações especializadas em culturas permanentes olival, vinha, fruticultura apresentam ganhos relativos (3,9 a 7,2%).

Em termos regionais, o Alentejo surge como uma região ganhadora prevendo-se que o Valor Acrescentado Bruto a custo de fatores por exploração médio aumente cerca de 13% no Cenário A e 14% no Cenário C, como resultado do tipo de explorações agrícolas e do peso dos vários setores na região.

O estudo conclui que o Cenário C é o que melhor concilia os interesses dos diferentes sectores e regiões, lança no entanto o alerta para o facto de serem as explorações com orientações produtivas mais intensivas as que poderão vir a ter um impacto mais negativo, o que teria consequências graves no desempenho global da agricultura portuguesa.

Uma vez que o debate sobre a reforma da PAC pós-2013 está ainda em curso acredita-se que será ainda possível encontrar soluções mais equilibradas, que não penalizem tanto as explorações agrícolas perdedoras sem anular os benefícios previstos para as explorações agrícolas consideradas nestes Cenários como ganhadoras.

Como conclusão sublinha-se que por mais favoráveis e equilibrados que possam vir a ser os impactos do novo sistema de pagamentos diretos do 1.º pilar da PAC a viabilidade económica das explorações agrícolas portuguesas depende de um conjunto de outros fatores que estão relacionados com a regulação dos mercados a implementar e com o regime de incentivos que o 2.º pilar da PAC - Programa de Desenvolvimento Rural (2014-2020) - venha a estabelecer.

A melhoria da competitividade da agricultura portuguesa depende nomeadamente, da adoção de tecnologias de produção mais eficientes económica e ambientalmente, da organização dos produtores e reforço das suas posições no contexto das respetivas fileiras, de uma maior diferenciação dos produtos e de uma melhor promoção e comercialização dos produtos nos mercados internos e externos.

O estudo realizado sobre o impacto da reforma da PAC pós-2013 introduz assim questões muito interessantes para animar o debate sobre o empreendedorismo na agricultura do Alentejo.



Laurinda Grosso

CISA-AS/UE

laurinda.grosso@gmail.com

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO/EMPREENDEDOR

Empreendedorismo, termo hoje em dia muito em voga. Mas afinal o que é ser empreendedor? Será empreendedor(a) apenas aquele(a) que cria uma empresa, ou engloba este termo muito mais do que isso?

Há de facto quem associe automaticamente empreendedor a empresário. No entanto, considero que esta ideia não poderia estar mais errada. Tantos empresários há que de empreendedores têm muito pouco, pois ser empreendedor trata-se de uma atitude pró-activa, dinâmica e, também, inovadora, que não pode ser encarada apenas do ponto de vista económico.

Assim, empreendedor(a) é alguém orientado para a acção, altamente motivado, que assume riscos para atingir os seus objectivos (adaptado de Meredith, Nelson e Nech 2000).

Segundo E. Leite (2000), de entre as qualidades pessoais de um(a) empreendedor(a), destacam-se as seguintes: i) Iniciativa; ii) Visão; iii) Coragem; iv) Firmeza; v) Decisão; vi) Atitude de respeito humano; e vii) Capacidade de organização e direcção.

Como tal, o(a) empreendedor(a) pode ser aquele(a) que cria um novo negócio, uma nova empresa onde produz/disponibiliza um novo produto/serviço, mas também alguém que na empresa onde trabalha tem uma atitude pró-activa, é dinâmico, tem iniciativa própria e apresenta ideias inovadoras. Neste sentido, um empresário pode ser considerado um empreendedor, mas também o pode um funcionário de uma fábrica, um funcionário público, um professor de uma escola ou um aluno dessa mesma escola. Sendo que, para serem considerados como tal, deverão possuir algumas das características supra mencionadas e, acima de tudo, uma atitude empreendedora no seio da organização/meio que integram. Isto porque empreendedorismo pode ser empresarial, interno ou até mesmo social.

A palavra empreendedorismo foi utilizada pelo economista J. Schumpeter (1950) como sendo uma pessoa com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações. Cultivemos então a criatividade e capacidade de inovação, características importantes, que poderão ser factor de distinção na actual conjuntura económica e social.



Laurinda Grosso

CISA-AS/UE

laurinda.grosso@gmail.com

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL – CONCEITO E PRÁTICA

Neste texto é apresentada uma reflexão sobre o conceito de Empreendedorismo Social (ES), estritamente relacionado com o de Inovação Social (IS), e sua verificação prática, através da apresentação de alguns casos considerados como tal.

A reflexão aqui apresentada surge na sequência da participação num Workshop, organizado pela Fundação Eugénio de Almeida, no passado dia 22 de Março, intitulado “Estratégia, Empreendedorismo e Inovação Social”⁵ e enquadrado no **Ciclo de Workshops Empreendedorismo e Inovação Social nas Organizações do 3.º Sector**.

À partida, quando pensamos em Empreendedorismo Social, relacionamo-lo imediatamente com o 3.º Sector, ou sector não lucrativo, e, de facto, o conceito de Empreendedorismo Social remete para iniciativas empreendedoras que respondem a problemas sociais negligenciados e urgentes. No entanto, esta questão não é assim tão linear, pois não basta que uma iniciativa responda de facto a uma necessidade/problema social para ser considerada como empreendedorismo social.

O **IES – Instituto de Empreendedorismo Social**, adopta como unidade de análise primordial o empreendedor social e a(s) sua(s) iniciativa(s), definindo o Empreendedor Social como um catalisador de mudança que resolve eficazmente problemas sociais⁶.

Este tipo de iniciativas, como qualquer iniciativa empreendedora, pressupõe portanto mudança, transformação e inovação, neste caso social, entendida como “novas ideias que funcionam na resolução de necessidades negligenciadas urgentes da sociedade.

São sociais no seu fim como no seu meio. São novos produtos, serviços e modelos que, simultaneamente, respondem a problemas sociais de forma mais efectiva do que as soluções existentes e criam novas relações ou colaborações sociais.” (Murray, Calulier-Grice e Mulgan 2010)

Isto não quer dizer que estas iniciativas devam sempre criar algo novo, totalmente diferente, de raiz, pois a inovação poderá passar por “pensar diferente” uma resposta social que já existe e adaptá-la. Assim, adaptar e replicar grandes ideias também pode ser considerado inovador. “Inovar não é mais do que estar atento, pensar e agir de forma efectiva e relevante.”⁷

O ponto de partida deverá ser sempre uma análise cuidada do problema/necessidade, pois a nova ideia deverá surgir como resposta a um problema efectivo e não por si só.

Isto quer dizer que, o primeiro passo será o diagnóstico do problema/necessidade, ao qual se deverá seguir, impreterivelmente, um levantamento das respostas já em prática com vista à resolução do

⁵ Foram facilitadoras do referido Workshop Rita Baptista e Ester Rosa (colaboradoras do IES).

⁶ Fonte: http://www.ies.org.pt/content/files/Empreendedorismo_Social.pdf

⁷ Fonte: Apresentação realizada no workshop pela equipa de formadoras do IES.

mesmo, pois, antes de partir para uma nova ideia, importa pensar no que já existe, quais as falhas e o que pode ser melhorado.

A iniciativa social inovadora deverá então surgir como resposta a um real problema da sociedade, para o qual não existe ainda nenhuma resposta totalmente apropriada, podendo passar pela criação de um novo modelo, serviço ou produto com propósito social, ou por “reinventar” algo já no terreno.

Iniciativas de Empreendedorismo Social são portanto, **iniciativas inovadoras** e com uma **missão social**, que tenham como finalidade a resolução de problemas sociais importantes, negligenciados e com externalidades negativas. “É a missão e a noção da melhor forma de a cumprir, que deve guiar o empreendedor, em todas as decisões acerca da iniciativa.”⁸

Para além disso, para que uma iniciativa empreendedora seja considerada como empreendedorismo social, deverá ainda cumprir outros dois requisitos: i) **Impacto social**, ou seja potencial de transformação positiva na sociedade a nível social, e ii) **Escalabilidade/Replicabilidade**, potencial para crescer e/ou se replicar noutra local geográfico.

No que se refere ao impacto social, para que este seja maior, a solução deverá actuar sobre a raiz do problema, criando ciclos virtuosos. Sendo de extrema importância o envolvimento e capacitação da comunidade, de forma garantir que toda a comunidade se “aproprie” da iniciativa, sentindo-a como sua, salvaguardando assim a continuidade desta para além do próprio empreendedor.

Por sua vez, o objectivo do **crescimento** é expandir o impacto proporcionado pela iniciativa. Este crescimento poderá ocorrer de duas formas:

- i) **Em profundidade**, aumentando o impacto local da iniciativa; ou
- ii) **Através da expansão da iniciativa**, disseminando-a por novos locais.

Cumprindo todos os quatro critérios base, acima mencionados, podemos considerar uma iniciativa como Empreendedorismo Social.

Antes de passar à apresentação de alguns casos de Empreendedorismo Social, importa ainda chamar a atenção para uma questão essencial para qualquer organização, projecto ou iniciativa, a sua **sustentabilidade**. Neste caso em concreto, e segundo Carrol e Stater (2009), o empreendedor social enfrenta uma “dupla tarefa de atingir objectivos relacionados com a missão e manter uma condição financeira saudável para garantir a sustentabilidade da solução”, ou seja, tem que conseguir garantir a sustentabilidade do modelo/solução e, também, a sua sustentabilidade financeira.

Para tal, os recursos gerados deverão ser superiores (ou iguais) aos consumidos. Isto significa que será de alguma forma benéfico que a iniciativa tenha as suas próprias “receitas”, que deverão ser o mais diversificadas possível, permitindo que a iniciativa se auto-sustente. Sendo que, neste caso, a diferença em relação ao sector lucrativo, é o facto do seu foco de atenção ser o problema social a resolver e as receitas (ou lucro) auferidas, serem utilizadas para manter a iniciativa ou, por vezes, para reinvestir em novos projecto sociais. Segundo o director executivo do IES, Miguel Martins, "um empreendedor social pode criar lucro mas antes de o ter tem, na sua génese, a vontade de dar resposta a um problema social. Poder gerar algum tipo de mais valia financeira é óptimo, até para se conseguir alguma sustentabilidade, mas não é o objectivo principal. Na altura de tomar uma decisão estratégica, o empreendedor social pende para o impacto social"⁹.

⁸ Fonte: Apresentação realizada no workshop pela equipa de formadoras do IES.

⁹ Fonte:

http://economico.sapo.pt/noticias/conheca-os-casos-de-sucesso-no-empreendedorismosocial_113905.html

Para ser considerada como uma boa prática, é necessário que a iniciativa também tenha sustentabilidade. De seguida serão apresentadas, sucintamente, alguns exemplos de Empreendedorismo Social em Portugal, considerados como boas práticas pelo IES.

1. REUTILIZAÇÃO (Cascais)

Iniciativa com vista à promoção de uma nova dinâmica comunitária e um novo conceito de consumo de menor impacto ambiental através da recolha de todo o tipo de produtos e equipamentos, canalizados posteriormente para fins diferentes: i) doação a famílias necessitadas; e ii) revenda para a comunidade, a preços simbólicos, com a dinamização de uma feira semanal.

Problemas identificados

- ✓ Não satisfação de necessidades básicas;
- ✓ Acumulação de lixo e desperdícios;
- ✓ Mobilização de recursos da Instituição.

Missão Social

Promover a reutilização e o reaproveitamento de objectos contribuindo para um ambiente melhor e satisfação de necessidades da comunidade.

Inovação

- ✓ Modelo de Negócio;
- ✓ Pioneiro no Concelho de Cascais.

Potencial de Impacto

- ✓ Mobilização da comunidade;
- ✓ Ambiente;
- ✓ Acesso a produtos a baixo custo;
- ✓ Mobilização de recursos.

Potencial de Crescimento

- ✓ Facilmente replicável;
- ✓ Crescimento em profundidade: abertura de Loja Social e oficina de restauro.

Sustentabilidade

- ✓ Comunidade doa produtos e equipamentos ao Centro;
- ✓ As receitas das vendas revertem para o Centro Comunitário;
- ✓ Técnicos e voluntários do Centro.

2. 4 LEITURAS (Editora CERCICA, Estoril – Cascais)

Uma colecção de livros infantis em quatro formatos diferentes (versão escrita e áudio, pictogramas, LGP, Braille), com o principal objectivo de promover uma educação inclusiva, especialmente no que respeita a crianças com deficiência e com necessidades educativas especiais.

Problemas identificados

- ✓ Falta de produtos de leitura de acesso universal;
- ✓ Falta de acesso à leitura e ao prazer de contar histórias.

Missão Social

Permitir que a leitura seja universal, diminuindo a fronteira entre as pessoas com e sem deficiência. Permitir a leitura a deficientes com problemas visuais de forma alargada.

Inovação

- ✓ No produto, abordagem ao mercado e modelo de negócio (baseado na internet e baixo custo);
- ✓ Pioneiro no Concelho Cascais e no país.

Potencial de Impacto

- ✓ Visibilidade para a questão da educação inclusiva;

- ✓ Transforma a vida de pessoas que não tinham acesso à leitura;
- ✓ Diminui o estigma.

Potencial de Crescimento

- ✓ Facilidade na criação de mais produtos;
- ✓ Diversificação de mercados: Internacionalização.

Sustentabilidade

- ✓ Dois parceiros (CMC e ME compram os livros em quantidade suficiente para cobrir custos);
- ✓ 100% receitas próprias.

Estes e outros bons exemplos de iniciativas consideradas como tal, encontram-se disponíveis para consulta no seguinte endereço: http://www.ies.org.pt/casos/os_es+/ Em jeito de conclusão importa referir que, no actual contexto de crise nacional e europeu, em que se assiste a uma cada vez maior escassez de recursos a par com o agudizar de algumas problemáticas sociais, o empreendedorismo social, tal como aqui é apresentado, poderá ser um caminho, poderá constituir-se como uma alternativa de desenvolvimento sustentável para o País e para Alentejo, em particular.

Passando pela criação de novas ou melhoradas respostas sociais, que permitam melhorar significativamente a qualidade de vida das pessoas, mas de forma sustentada e viável, mediante parcerias, aproveitando recursos já existentes e o potencial do país/região (humano, social, cultural e natural) para gerar novas ideias e novas soluções.

Alguns sites e blogs de interesse sobre a temática

- ✓ **Ashoka Brasil & Paraguai** (organização mundial, sem fins lucrativos, pioneira no campo da inovação social, trabalho e apoio aos empreendedores sociais):
<http://www.ashoka.org.br/>
- ✓ **Associação para o empreendedorismo Social e sustentabilidade do 3.º Sector:**
<http://www.a-3s.org/>
- ✓ **CEATS – Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Sector:**
<http://www.ceats.org.br/>
- ✓ **Empreendedorismo Social** (blog com vista à disseminação do Empreendedorismo Social)
<http://empreendedorismo-social.blogspot.pt/>
- ✓ **Empreendedorismo+** (blog com o objectivo de motivar e inspirar os empreendedores através da divulgação de boas práticas, ideias e dicas):
<http://www.empreendedorismopositivo.com/>
- ✓ **Projecto Empreendedorismo Social em Portugal: as políticas, as organizações e as práticas de educação/formação**
<http://www.empsoc.net/>



Luís Cavaco

Director Geral da ADRAL –
Agência de Desenvolvimento
Regional do Alentejo, S.A.

luis.cavaco@adral.pt

O empreendedorismo no processo da sustentabilidade regional

A experiencia da ADRAL

Nos últimos 14 anos a Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo desenvolveu uma aposta profunda no empreendedorismo como via para um maior e mais sustentável desenvolvimento do Alentejo.

A grande aposta foi tentar criar regionalmente um ambiente propício ao desenvolvimento de ideias e negócios que facilite a vida aos empreendedores e empresários, contribuindo para a fixação de pessoas e melhoria das condições de vida das populações.

Neste quadro a estruturação do nosso pensamento sobre o apoio ao empreendedorismo e dinâmica empresarial levou-nos a criação do CADEA - **Centro de Apoio à Dinâmica Empresarial no Alentejo** unidade especializada no apoio a empreendedores e empresários, cujo principal objectivo foi, é e será o de potenciar processos de formação e consolidação empresarial que se sustentem em acréscimos qualitativos de competências e informação, na modernização institucional das empresas, na facilitação dos processos de inovação e cooperação empresarial e em estimular o surgimento de ideias de negócio que tornem o Alentejo cada vez mais competitivo. O Centro organiza-se de acordo com cinco áreas funcionais:

1. Incubadora de Ideias;
2. Apadrinhamento Empresarial;
3. Promoção e Apoio à Inovação Tecnológica nas Empresas;
4. Rede de Consultorias;
5. Apoio e Acompanhamento à Internacionalização.

Desenvolvemos projectos transversais no apoio financeiro a empreendedores e empresas como são o FAME – Fundo de Apoio às Micro Empresas e o Rethe – Repensar o Empreendedorismo, que pretenderam influenciar e dinamizar a nossa intervenção nesta área.

Também nas áreas das infra-estruturas de acolhimento já nos inícios dos anos 2000 avançamos com um “projecto tipo” de ninho de empresas com o qual colaboramos com os municípios para o lançamento de uma rede de centros de acolhimento a empreendedores, estando já implementado em alguns concelhos do Alentejo.

No apoio directo aos empreendedores apostámos, entre outros nos Projectos:

Começar: O projecto visou a criação de gabinetes de apoio a jovens recém-licenciados que tivessem ideias, algum espírito empresarial, fossem determinados e optassem por dirigir o seu próprio negócio.

Estes gabinetes funcionaram no espaço físico da Universidade e dos Institutos Politécnicos onde o recém-licenciado estudou e contaram com toda uma estrutura de apoio ao desenvolvimento do seu projecto empresarial.

Iniciar - Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo: O projecto visou aumentar o empreendedorismo e fixar jovens recém profissionalizados nesta região através da criação do auto-emprego, incentivar e apoiar a criação de empresas e contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do Alentejo.

Após este conjunto de iniciativas, em 2010, resolvemos intervir de forma mais integrada através do Projecto Alentejo Empreende que orienta a sua actuação para o desenvolvimento de uma cultura empreendedora e consequentemente para a promoção do empreendedorismo e apoio a iniciativas empreendedoras. Assim podem ser identificados como objectivos gerais do projecto:

- Estimular o espírito e cultura empreendedora em públicos-alvo específicos contribuindo para uma crescente fixação de população mais jovem e qualificada no território;
- Dinamizar e renovar as actividades económicas, reforçando o apoio à criação de novos negócios e ao desenvolvimento dos existentes, diversificando a base económica do território e reinventando as suas actividades tradicionais;
- Reforçar o apoio à criação de novos negócios e ao desenvolvimento dos existentes;
- Proporcionar formas inovadoras de capacitação dos agentes locais e regionais no estímulo ao empreendedorismo;
- Implementar sistemas de informação direccionados para a dinamização empresarial;
- Fomentar a criação de iniciativas e serviços de proximidade nas áreas rurais.

Actualmente cerca de 15 parceiros não executores acompanham o projecto financiado pelo Inalentejo, contando com a parceria executora da Fundação Eugénio de Almeida.

Continuando o trabalho nesta área, consolidando os actores regionais que actuam no apoio ao empreendedorismo e com a colaboração e a entreaajuda de todas as entidades que actuam nesta área, pensamos ser possível termos uma região mais empreendedora, mais sustentável e com maiores e melhores níveis de criação de riqueza e bem-estar para os seus habitantes.



Manuel Lopes

Associação de Desenvolvimento Terras do Regadio

manuel.lopes@adtr.pt

EMPREENDER EMPRESARIALMENTE NO FEMININO

A igualdade de género tem sido um tema que tem merecido a especial atenção da União Europeia e, particularmente, do Estado Português.

Mais que falar sobre preconceitos ou outras barreiras ao empreendedorismo feminino, importa, sobretudo, pensar e/ou identificar soluções para ultrapassar tais obstáculos.

Uma das principais soluções de apoio ao empreendedorismo empresarial feminino está enquadrada no Programa Operacional Potencial Humano. Falamos concretamente da Tipologia de Intervenção 7.6 – Apoio ao Empreendedorismo, Associativismo e Criação de Redes Empresariais de Atividades Económicas Geridas por Mulheres.

São possíveis de desenvolver no âmbito desta tipologia de intervenção as seguintes ações:

- Acções de formação nos domínios da igualdade de género, da gestão, das relações interpessoais, da liderança e tecnologias de informação e comunicação;
- Acções de tutoria, consultoria e assistência técnica com vista à criação / sustentabilidade de empresas geridas por mulheres (desenvolvimento do Plano de Negócio e prémio de arranque para as empresas);
- Acções de suporte à criação de redes interempresas que facilitem o acesso à informação sobre formação, mercados, oportunidades de financiamento e negócio, ou outras.

De referir no entanto, que embora sejam as mulheres as destinatárias da intervenção, as ações descritas anteriormente são candidatadas e desenvolvidas pelo seguinte tipo de instituições:

- Associações de Mulheres Empresárias;
- Associações Empresariais;
- Associações Comerciais;
- Associações Industriais;
- Agências e Sociedades de Desenvolvimento Regional Sem Fins Lucrativos;
- Cooperativas e Outras Entidades de Economia Social.

Alertamos para o facto de que a informação colocada neste artigo não dispensa a consulta minuciosa do Regulamento Específico desta tipologia de intervenção e demais legislação aplicável (consultar em: www.poph.qren.pt).



Marcos Olímpio Santos

CISA-AS/UE

mosantos@uevora.pt

O INSUCESSO COMO RECURSO PEDAGÓGICO E DE AUTO APRENDIZAGEM

O insucesso (ou fracasso) no âmbito do empreendedorismo (numa concepção genérica), pode e deve ser utilizado como um recurso pedagógico, quando é analisado enquanto estudo de caso para se retirar lições que podem ajudar quem pretende melhorar os seus conhecimentos sobre erros a evitar e, decidir-se sobre as alternativas ou escolhas a adoptar.

Pode ser também, uma fonte de auto aprendizagem e amadurecimento quando o(a) interveniente principal num processo desta natureza aprende com os seus próprios erros, ficando mais apto(a) a enfrentar com sucesso desafios e problemas com que se poderá deparar no futuro.

As contrariedades só poderão assim constituir momentos positivos se tiverem um efeito multiplicador no perfil de competências de quem os viveu em toda a sua extensão. Se assim não for poderão tornar-se disfuncionais, ocasionando efeitos destrutivos individuais e colectivos.

Esta é uma situação que ocorre com alguma frequência nos territórios de baixa densidade com problemas de desenvolvimento, onde podem ser recolhidos testemunhos dramáticos de casos de insucesso que não raro terminam com o/a estigmatização do/a empreendedor(a) e, com efeitos devastadores na vontade de empreendedor das populações locais.

Fenómenos como os relatados constituem seguramente uma debilidade que afecta de forma muito gravosa os territórios que têm de reverter traços culturais que obstaculizam as potencialidades de um processo de desenvolvimento local, no qual o empreendedorismo (social, empresarial, interno, etc.) desempenha um papel incontornável.

Os seres humanos devem assim desde a sua infância ser colocados perante a resolução de reptos, cujo desfecho lhes permita uma preparação adequada à época em que vivemos e aos desafios que se nos vão deparar no futuro.

É assim de louvar todas as iniciativas que estão a decorrer no Alentejo visando despertar competências para o empreendedorismo, incluindo-se aqui também a pedagogia do insucesso, como contributo para o sucesso.



Marcos Olímpio Santos

CISA-AS/UE

mosantos@uevora.pt

PROPOSTA DE GRELHAS PARA LEVANTAMENTO DE CASOS DE EMPREENDEDORISMO

No seguimento de sugestões apresentadas ao CISA, está já a ser efectuado um levantamento de casos bem sucedidos e de casos sem sucesso que têm ocorrido no Alentejo.

As grelhas a utilizar para o efeito são apresentadas seguidamente, sendo as duas primeiras aplicáveis ao sector agro-pecuário.

GRELHA PARA LEVANTAMENTO DE CASOS DE EMPREENDEDORISMO BEM SUCEDIDOS NO SECTOR AGRO-PECUÁRIO DO ALENTEJO

(Pesquisa efectuada no âmbito dos Encontros sobre empreendedorismo em territórios de baixa densidade)

Tipologia do empreendimento	Individual (); Sociedade (); Outro ()
Designação do caso bem sucedido ou do empreendimento	
Ano da criação*	
Localização	
Ramo específico de actividade (agricultura biológica, criação de uma raça particular de gado, ...)	
Apoios iniciais* (se aplicável)	
Outras informações adicionais	
Nome do Respondente	
Contactos (e-mail; tlm)	

*Se não dispuser de dados para responder a estes itens ou qualquer outro, coloque na coluna da direita “sem informação”

NOTA: solicitamos que quando haja identificação de empreendedores/as, seja conseguida a sua anuência prévia autorizar a divulgação, ou então que nos seja cedido o respectivo contacto, a fim de sermos nós a solicitar essa anuência.

GRELHA PARA LEVANTAMENTO DE CASOS DE EMPREENDEDORISMO SEM SUCESSO NO SECTOR AGRO-PECUÁRIO DO ALENTEJO

(Pesquisa efectuada no âmbito dos Encontros sobre empreendedorismo em territórios de baixa densidade)

Tipologia do empreendimento	Individual (); Sociedade (); Outro ()
Designação do caso ou do empreendimento (facultativo)	
Ano da criação* (facultativo)	
Tempo de duração da iniciativa (se possível indicando o ano de início e o ano de encerramento e/ou a duração em meses) (facultativo)	
Localização (facultativo)	
Ramo específico de actividade (agricultura biológica, criação de uma raça particular de gado, ...)	
Apoios iniciais*(se aplicável)	
Causas do insucesso / Lições aprendidas	
Recomendações / Sugestões que permitam evitar ou minimizar as falhas cometidas	
Outras informações adicionais	
Nome do Respondente (facultativo)	
Contactos (e-mail; tlm) (facultativo)	

*Se não dispuser de dados para responder a estes itens ou qualquer outro, coloque na coluna da direita “sem informação”

NOTA: solicitamos que quando haja identificação de empreendedores/as, seja conseguida a sua anuência prévia autorizar a divulgação, ou então que nos seja cedido o respectivo contacto, a fim de sermos nós a solicitar essa anuência.

Podemos informar que já foram indicados alguns casos bem sucedidos neste sector, os quais serão publicados na próxima Newsletter, a divulgar na primeira quinzena do próximo mês de Junho.

As grelhas seguintes são aplicáveis ao sector de serviços e ao sector da indústria, sendo igualmente uma delas vocacionada para recolha de casos bem sucedidos, e outra vocacionada para recolha de casos que não tenham sido bem sucedidos.

GRELHA PARA LEVANTAMENTO DE CASOS DE EMPREENDEDORISMO BEM SUCEDIDOS NO ALENTEJO
(Pesquisa efectuada no âmbito dos Encontros sobre empreendedorismo em territórios de baixa densidade)

Tipologia do empreendimento	Empresarial (); Social (); Empreendedorismo interno (); Outro ()
Designação do caso bem sucedido	
Ano da criação ou em que ocorreu*	
Localização / Organização / Instituição	
Sector de actividade	
Zona de abrangência (se aplicável)	
Público-alvo	
Apoios iniciais* (se aplicável)	
Outras informações adicionais	
Nome do Respondente	
Contactos (e-mail; tlm)	

*Se não dispuser de dados para responder a estes itens ou qualquer outro, coloque na coluna da direita “sem informação”

NOTA: solicitamos que quando haja identificação de empreendedores/as, seja conseguida a sua anuência prévia autorizar a divulgação, ou então que nos seja cedido o respectivo contacto, a fim de sermos nós a solicitar essa anuência.

GRELHA PARA LEVANTAMENTO DE CASOS DE EMPREENDEDORISMO SEM SUCESSO NO ALENTEJO
(Pesquisa efectuada no âmbito dos Encontros sobre empreendedorismo em territórios de baixa densidade)

Tipologia do empreendimento	Individual (); Sociedade (); Outro ()
Designação do caso ou do empreendimento (facultativo)	
Ano da criação* (facultativo)	
Tempo de duração da iniciativa (se possível indicando o ano de início e o ano de encerramento e/ou a duração em meses)	
Localização (facultativo)	
Ramo específico de actividade / negócio	
Apoios iniciais*(se aplicável)	
Causas do insucesso / Lições aprendidas (Preencher)	
Recomendações / Sugestões que permitam evitar ou minimizar as falhas cometidas (Preencher)	
Outra informação relevante (facultativo)	
Nome do Respondente (facultativo)	
Contactos (e-mail; tlm) (facultativo)	

*Se não dispuser de dados para responder a estes itens ou qualquer outro, coloque na coluna da direita “sem informação”

NOTA: solicitamos que quando haja identificação de empreendedores/as, seja conseguida a sua anuência prévia autorizar a divulgação, ou então que nos seja cedido o respectivo contacto, a fim de sermos nós a solicitar essa anuência.



Marcos Olímpio Santos

CISA-AS/UE

mosantos@uevora.pt

GRELHA ADAPTADA DA ANÁLISE SWOT APLICÁVEL À CRIAÇÃO DE UMA CULTURA DE PARCERIA E TRABALHO EM REDE ENTRE AS ENTIDADES QUE PROMOVEM E APOIAM O EMPREENDEDORISMO E OS EMPREENDEDORES(AS)”

A equipa da entidade executora do 2º Encontro (o CISA-AS), procedeu a uma reflexão sobre o tema “Criação de uma cultura de parceria e trabalho em rede entre as entidades que promovem e apoiam o empreendedorismo e os empreendedores(as)”, que se traduziu no preenchimento de uma grelha adaptada da análise SWOT, seguidamente apresentada.

<p style="text-align: center;">FACTORES DESFAVORÁVEIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dispersão geográfica das entidades que promovem o empreendedorismo no Alentejo; • Reduzida disponibilidade dos potenciais intervenientes por sobrecarga de trabalho; 	<p style="text-align: center;">FACTORES FAVORÁVEIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Empenho de responsáveis por várias instituições no reforço da cultura de parceria e trabalho em rede; • Experiência acumulada e contributos que podem ser disponibilizados por várias entidades;
	<p style="text-align: center;">SUGESTÕES / RECOMENDAÇÕES</p>

Fonte: CISA-AS

Pretende-se que esta grelha, de acordo com o princípio do *crowdsourcing*, seja enriquecida com os contributos de todos/as que se interessam sobre esta matéria, com sugestões de mais factores favoráveis, de factores desfavoráveis e também de sugestões / recomendações que permitam o fortalecimento do trabalho em rede e a ampliação da cultura de parceria.



Marcos Olímpio Santos

CISA-AS/UE

mosantos@uevora.pt

EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL COM PROBLEMAS DE DESENVOLVIMENTO (CONTRIBUTOS PARA O DEBATE SOBRE O TEMA)

A fim de proporcionar contributos para as actividades do projecto Winnet8¹⁰ foi constituído no âmbito do CISA-AS um Grupo de Reflexão sobre Empreendedorismo Feminino em Territórios de Baixa Densidade Populacional com problemas de desenvolvimento¹¹, o qual integra vinte e três aderentes de diversas organizações.

De entre as actividades que esse grupo se propôs realizar constou um Encontro sobre a temática deste artigo, para o que deveria ser elaborado um documento base, o qual seria depois enriquecido até à data da realização do Encontro (momento em que se debateria as questões consideradas mais pertinentes pela comissão organizadora, seleccionadas após auscultação junto dos potenciais participantes).

Enquanto membro do referido grupo, disponibilizou-se o autor para apresentar contributos que alicerçassem o referido encontro, contributos esses que constam seguidamente ao longo dos seguintes pontos: i) Significado genérico de empreendedorismo e de empreendedor(a); ii) Tipos de empreendedorismo (empresarial, social); iii) Características genéricas da pessoa empreendedora (perfil ideal); iv) Características ideais da empreendedora feminina; v) Problemas enfrentados pelos empreendedores em geral; vi) Problemas enfrentados pelas empreendedoras nos territórios de baixa densidade populacional, em particular; vii) Características das empreendedoras portuguesas e alentejanas; viii) Caracterização genérica dos territórios de baixa densidade populacional e do Alentejo em particular (traços mais marcantes, perspectivas de evolução, análise SWOT; ix) Levantamento de entidades e recursos de apoio ao empreendedorismo feminino (nacionais, regionais e locais); x) Identificação dos principais sectores com potencial na Região do Alentejo Central; xi) Medidas/legislação relativa a equilíbrio entre trabalho e vida privada em Portugal (licença parental, a legislação da igualdade de oportunidades); xii) Testemunhos/casos de sucesso de empreendedorismo feminino no Alentejo Central; xiii) Textos de referência / Instrumentos enquadradores do empreendedorismo feminino (e promoção da igualdade de género), em Portugal e na União Europeia, e, Projectos e outras iniciativas em curso, ou já terminadas, de apoio ao empreendedorismo em geral ou direccionados para segmentos específicos, implementados em Portugal e noutros países da União Europeia.

Nas Conclusões recapitula-se as questões mais relevantes que constam nos pontos atrás referidos, sendo abordada a importância que o empreendedorismo social (nomeadamente iniciativas de economia solidária) pode assumir nas actuais circunstâncias. Nos Anexos encontram-se incluídos as seguintes peças: i) uma apresentação do projecto transnacional Winnet8, ii) uma listagem de sites e blogs com

¹⁰ No Anexo I consta uma breve apresentação do projecto.

¹¹ Coordenado pela Prof^a Maria da Saudade Baltazar (Departamento de Sociologia da Universidade de Évora).

interesse para quem se quiser actualizar sobre o tema; iii) um levantamento de cursos sobre empreendedorismo¹²; iv) uma listagem de iniciativas de curta e média duração sobre empreendedorismo promovidas em 2011 e 2012 no Alentejo, e v) uma listagem de conceitos relevantes relacionados com o empreendedorismo.

A metodologia adoptada para elaboração dos pontos que integram a publicação, consistiu numa pesquisa efectuada em diversos sites disponíveis na internet sobre os temas acima referidos que estruturam este texto, e complementarmente numa pesquisa efectuada sobre publicações impressas com interesse para os mesmos temas.

O texto completo consta no seguinte endereço da página do CISA-AS:

www.cisa-as.uevora.pt/.../EmpreendedorismoTerritoriosBxDensidade_Julho2012.pdf

¹² Que segundo P. Palma (2005), até esta data se concentravam fundamentalmente na “aprendizagem sobre o empreendedorismo” e não na “aprendizagem para o empreendedorismo”.



Margarida Bagão

Empresária Voluntária no Projecto *Aprender a Empreender*¹³

margaridabagao@hotmail.com

IMPORTÂNCIA DO CONTRIBUTO DO VOLUNTÁRIO NA EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO – LIÇÃO APRENDIDA

A ideia foi implementar na região um trabalho na área da educação para o empreendedorismo, ao qual a Junior Achievement se dedica desde a sua origem, em 1919, nos Estados Unidos da América (sendo a mais antiga organização mundial neste ramo).

Esta iniciativa, que nasce de uma parceria institucional, não podia ser desenvolvida sem a colaboração e empenho dos voluntários locais, pessoas empreendedoras, quer ao nível profissional, quer ao nível associativo, quer ao nível pessoal. Foi nesse papel que me convidaram e me envolvi no projecto. Para me escolherem, terão considerado que eu era de alguma forma empreendedora, o que logo à partida foi algo de positivo, no entanto, depois de desenvolver esta experiência senti-me mais valorizada enquanto tal.

Foi uma oportunidade de reflectir sobre a minha própria experiência, não me esqueço quando uma das crianças me perguntou porque é que eu era voluntária/empreendedora e dei por mim a explicar o que fazia como empresária, como era o meu dia-a-dia e o que mudou na minha vida, como organizava a vida profissional com a vida familiar (sou mãe de 3 filhos em idade escolar), as coisas em que participava nos tempos livres, etc. Perceber que os miúdos aprendem qualquer coisa connosco, com a nossa experiência profissional e pessoal é muito gratificante. Mas os impactos desta experiência também se reflectiram na minha família, lá em casa, passei a estimular o debate sobre os assuntos e temáticas que abordei nas sessões, o que tem sido interessante, tanto que a minha filha mais velha agora também quer fazer voluntariado.

O programa da Junior Achievement está muito bem concebido e permite que os miúdos aprendam coisas diferentes de uma maneira diferente, mas coisas muito úteis. Considero que seria excelente que todas as crianças tivessem esta experiência desde pequeninos. Este é o segundo ano que desenvolvo o programa dirigido a alunos do 2º ano, **A Comunidade**, e logo na primeira sessão (fiquei com um grupo que já tinha a experiência do ano anterior (1º ano)) fiquei extremamente satisfeita com a alteração do comportamento das crianças, a expectativa com que me esperavam, a atenção, a vontade de participar e o interesse demonstrado pelas temáticas. Pensei comigo própria, de facto houve impacto, algo mudou

¹³ *Projecto Aprender a Empreender*

Data: Ano lectivo 2010/2011 e 2011/2012

Local: Escola Básica de Alvito

Objectivos do projecto: Promover os valores da responsabilidade e do empreendedorismo na região, junto dos jovens dos 6 aos 30 anos.

Entidades promotoras e executoras: Terras Dentro – Associação para o Desenvolvimento Integrado; Junior Achievement Portugal; Câmara Municipal de Alvito.

nestes miúdos! O programa abre “horizontes” a estas crianças, fá-las reflectir sobre a sociedade em que vivemos e o meio em que estamos envolvidos. Permite perspectivarem o seu futuro de forma mais aberta, a interrogarem-se mais sobre o que querem ser e fazer.

Algumas coisas que aprendi com esta experiência:

- Que o trabalho do voluntário empreendedor é muito útil e enriquecedor;
- Que é fundamental começar desde cedo (6 anos) e de forma continuada a educar para o empreendedorismo;
- Que é fundamental trabalhar em parceria (toda a comunidade deverá estar envolvida e interessada nestas questões), neste caso a parceria entre associações (Terras Dentro e Junior Achievement), autarquia e escola foi essencial para o sucesso da iniciativa.



Maria Luísa Silva CLDS Évora

mlfcsilva@gmail.com

AS PESSOAS AO CENTRO EMPREENDEDORISMO PARA A SUSTENTABILIDADE DAS ORGANIZAÇÕES

A partir da análise teórica dos conceitos de desenvolvimento sustentável, responsabilidade social e sustentabilidade empresarial, procurámos investigar a relação entre desenvolvimento regional e estratégias de sustentabilidade empresarial que integrem práticas de responsabilidade social. Abordadas à luz da estratégia de desenvolvimento regional – Alentejo 2015, para evidenciar tal relação, tive oportunidade de fazer uma investigação, através de dissertação de mestrado, intitulada “Do Desenvolvimento Sustentável à Sustentabilidade Empresarial: Um estudo regional multi-casos”. Orientada pelos professores Estêvão de Moura e Fátima Jorge, estudaram-se práticas de responsabilidade social adoptadas por quatro organizações escolhidas: a EDIA, S.A., uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos; a Sociedade Agrícola Freixo do Meio, S.A., uma pequena empresa privada pertencente à sociedade que estrutura o grupo Sousa Cunhal – Investimento, SGPS S.A., a Delta Cafés SGPS, S.A., uma sociedade holding portuguesa de capitais inteiramente privados e o grupo de empresas Esporão, S.A.. Embora com características diferenciadas, estas organizações apresentam alguns aspectos comuns nas práticas de responsabilidade social adoptadas, até ao nível dos factores que influenciam a sua implementação.

Um ano após o final da investigação e pouco mais de um mês depois das provas públicas do Mestrado em Gestão – especialização em Recursos Humanos, ideias não faltam para estudos futuros relacionados com temas que cada vez mais estão, ou deveriam estar, na ordem do dia, ligados ao Empreendedorismo e à Sustentabilidade das Organizações.

Decorrente do trabalho que tenho desenvolvido durante os dois últimos anos enquanto responsável do Eixo do Emprego, Formação e Qualificação do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Évora, e da crise que cada um, à sua maneira, acaba por viver, não sendo eu, claramente, uma excepção, é para mim cada vez mais óbvia a necessidade de, com rigor, atendermos à relação inovação e sustentabilidade, em que cada indivíduo e organização deve tornar-se inovador e sustentável. Conforme ideia expressa por Barbieri e Simantob (2007, p. 105)¹⁴, “as inovações constituem uma peça chave para que as organizações possam contribuir para o desenvolvimento sustentável, pois o que está em jogo é um modo de produção da subsistência humana que seja compatível com a capacidade de suporte do planeta e que seja equitativo, pois as disparidades de rendimentos entre regiões, povos e classes são o outro lado de uma apropriação desigual dos recursos da Terra. Alcançar esse tipo de desenvolvimento é tarefa para todos os que entendem que o estado de degradação ambiental e social está chegando ao ponto de não haver mais retorno”.

A começar pelas organizações objecto daquela dissertação, gostaria de poder vir a analisar a evolução das organizações apresentadas, percebendo cada vez mais como é que estas lidam com a sua sustentabilidade e, muito em particular, que repercussões é que isso terá no próprio desenvolvimento

¹⁴ Barbieri, J.C., Simantob, M.A.. 2007. Organizações Inovadoras Sustentáveis: Uma reflexão sobre o futuro das organizações. Editora Atlas, S.A., São Paulo, Brasil.

de um território como o Alentejo. Gostaria de aprofundar as análises da dimensão social interna e externa, principalmente, ao nível da Gestão de Recursos Humanos, coesão social e emprego.

Neste sentido, seria para mim interessante perceber em que medida as organizações são geridas por valores, isto é, que significado é dado ao papel das pessoas, aos seus valores, àquilo que verdadeiramente as move numa organização, e a sua importância para se alcançar um desenvolvimento sustentável. Muito gostaria de utilizar um modelo do género do que é proposto por Richard Barrett editado recentemente em Portugal, através de uma publicação do BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável.

A par disto penso também que seria oportuno analisar acções empreendedoras ao nível das práticas de responsabilidade social, evidenciando a importância do empreendedorismo no desenvolvimento local, principalmente de micro, pequenas e médias empresas que hoje em dia se redefinem e reinventam para conseguir dar continuidade, muitas vezes, ao trabalho de décadas.

A análise do território e o seu ordenamento estratégico estão na ordem do dia, digo isso porque, muito recentemente, foi criado o Instituto do Território que, ao que parece procurará, em suma, uma melhor gestão de recursos para o desenvolvimento sustentável das regiões. Não nos esqueçamos que os territórios dependem das pessoas, das actividades aí instaladas, e vice-versa. É que “o bem-estar das regiões e a utilização da base de recursos físicos destas regiões são claramente mutuamente fenómenos interligados. Assim, é evidente que o desenvolvimento económico regional e as estratégias de sustentabilidade podem ser vistas como forças complementares entre si que podem reforçar-se mutuamente” (Capello e Nijkamp, 2009, p. 302)¹⁵. Assim sendo, teremos que concordar que “a concentração de empresas competitivas num dado território tenderá a transformá-lo em território também competitivo. Por outro lado, um território profusamente dotado de externalidades positivas tenderá simultaneamente a favorecer a competitividade das empresas nele implantadas, promovendo assim a sua própria competitividade” (Figueiredo, 2005, p. 487)¹⁶.

À semelhança do estudo efectuado, muito gostaria de um dia poder realizar investigação tendo por base a estratégia Alentejo 2020, que decorre da estratégia Europa 2020. Para as mesmas empresas analisadas naquela dissertação, uma outra análise poderia ter sido feita a partir do índice de sustentabilidade empresarial proposto pelo Observatório da Sustentabilidade Empresarial. Em que medida chegaríamos, ou não, às mesmas conclusões obtidas.

Por último, e dada a importância crescente das organizações sociais (Drucker dizia mesmo que o século XXI será o século das organizações sociais), parece-me muito pertinente estudar as suas estratégias de sustentabilidade, a partir da análise das suas práticas de gestão, como fazem a gestão dos valores e que influencia é que estes aspectos têm no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores, das comunidades e, por sua vez, nas regiões onde nascem ou que as acolhem. São hoje cada vez mais necessárias competências ao nível do planeamento estratégico das organizações e da sua gestão comportamental. Empreendedorismo e criatividade são necessários para a resolução de problemas, para a antecipação de outros, para descobrir novos produtos, serviços, processos e formas de relacionamento. Neste sentido, as pessoas deverão estar sempre, e cada vez mais, ao centro, no centro das organizações.

¹⁵ Capello, R., Nijkamp, P.. 2009. Revisitar as teorias de desenvolvimento regional. *Compêndio de Economia Regional*, pp. 287 – 317. Principia, Cascais.

¹⁶ Figueiredo, A.M., 2005. As políticas e o planeamento do desenvolvimento regional. *Compêndio de Economia Regional*, pp. 477 – 499. Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional.



Maria Luísa Silva

Universidade de Évora

mlfcsilva@gmail.com

SOBRE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO – UMA REFLEXÃO SOBRE O PROFESSOR COACH

Foi com muita satisfação que participei como animadora na sessão sobre Educação e Formação para o Empreendedorismo do Encontro realizado no passado dia 29 de Maio. Muitas foram as impressões trocadas entre os participantes. Gostaria agora de reflectir sobre a opinião da maioria dos participantes na acção no que se refere ao professor enquanto *coach*. Muito longe de ser especialista nestes assuntos, com muito interesse em desenvolver conhecimentos nestas áreas, permitam-me que apresente a minha visão sobre o assunto.

Com uma atitude dinâmica, o professor *coach* em diálogo com os alunos, expõe as matérias, privilegiando a auto-aprendizagem e a pesquisa, em que cada aluno tem espaço e tempo para apresentar, discutir e debater os temas. Tendo bem presente os objectivos atingidos e a atingir, será através de trabalhos individuais e de grupo que o aluno terá oportunidade de questionar-se, procurar significados, conteúdos complementares, construindo assim o seu próprio conhecimento.

A principal preocupação do professor *coach* será possibilitar e assegurar que cada aluno dê o melhor de si, aprendendo e desenvolvendo-se. Ajudando-o a caminhar na direcção pretendida, através de processos em que o aluno procura o que quer ser, sendo o melhor que pode, a aplicação de princípios básicos de *coaching* propiciam uma efectiva parceria entre professor e aluno.

Partindo da auto-reflexão, com o *coaching* o professor será levado a analisar o presente e a preparar o futuro. O trabalho do professor leva o aluno a despertar para o que está a acontecer, para o auto-conhecimento que estará na base da sua autoconfiança. Em íntima relação com a auto-estima, a autoconfiança do aluno e professor projecta-se nas suas atitudes e atividades do dia-a-dia. Vejamos: se em cada um começa por acreditar em si próprio também acreditará no que está em seu redor - os professores acreditam mais nos alunos e vice-versa, ambos lidam e acreditam melhor e mais com os colegas e com a sociedade.

A actividade do professor *coach* e do aluno que com este interage implica também responsabilidade individual, base de uma cidadania e responsabilidade social. O aluno será levado a responsabilizar-se pelas acções em que se envolve, muitas delas solicitadas pelo professor. Muito embora o autor dos trabalhos apresentados no decorrer de diferentes acções seja o aluno, tal não quer dizer que o professor esteja fora do processo de ensino aprendizagem, devendo sempre procurar dar o seu melhor.



Maria Miguel Ferreira

CCDR Alentejo

maria.ferreira@ccdr-a.gov.pt

2º ENCONTRO IBÉRICO DE EMPRESAS FAMILIARES “O DESAFIO DA PRODUTIVIDADE NAS EMPRESAS FAMILIARES”

O CLDS Évora – Contrato Local de Desenvolvimento Social de Évora, *com+futuro.évora*, realizou no passado dia 11 de Abril, no auditório do *Diário do Sul*, em Évora, o **2º Encontro Ibérico de Empresas Familiares**, inserido numa edição especial do programa Vozes Raianas.

Este evento visou essencialmente a reflexão sobre os actuais desafios das empresas familiares no quadro da Cooperação Transfronteiriça, numa perspectiva de potenciação e melhoria do rendimento organizacional e pessoal dos seus participantes.

O encontro procurou envolver sobretudo empresários, pessoal docente das universidades e diferentes técnicos das regiões envolvidas, do Alentejo e da Extremadura, promovendo a partilha de experiências e boas práticas, com vista ao estímulo da produtividade pessoal e empresarial e ao incentivo de novos negócios transfronteiriços.

A reflexão atenta sobre a importância do empreendedorismo, da formação e da qualificação das pessoas, enquanto alavancas nos processos de criação de valor das organizações e do desenvolvimento das regiões assumiu-se como uma componente primordial desta iniciativa.

Na qualidade de oradores estiveram representantes da CME, da Caritas Diocesana de Évora, do Grupo Diário do Sul e ainda das Associações das Empresas Familiares portuguesas e da Asociación Extremeña de la Empresa Familiar, dando conta do funcionamento, das estatísticas e das perspectivas de trabalho a desenvolver futuramente, de forma a estimular e dinamizar as empresas familiares.

A representante da empresa KR People – Consultoria de recursos humanos, apresentou dois interessantes painéis, sobre “O Desafio da produtividade nas empresas familiares” e sobre “Marketing pessoal e coaching” que identificaram constrangimentos, apontaram caminhos e soluções para aplicação prática pró-activa, sustentada e dinâmica às problemáticas mais evidentes que afectam as empresas familiares, os seus gestores, os seus associados e demais colaboradores, lançando bases e pontos de debate entre os participantes, permissivas ao relançamento profícuo deste tipo de negócio numa óptica realista, adaptada às novas realidades políticas, sociais e económicas.



Mário Encarnado

CM Alvito

chefe.gabinete@cm-alvito.pt

A IMPORTÂNCIA DO EMPREENDEDORISMO JUVENIL PARA OS TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE

A temática do empreendedorismo não é nova entre nós mas atual, são inúmeras as entidades que desenvolvem ações e programas para implementar o empreendedorismo, no entanto por vezes de uma forma desarticulada entre todos os agentes, pois as ações surgem com uma estratégia pouco definida. Algumas medidas têm surgido a nível governamental para estimular o empreendedorismo no entanto os resultados têm ficado muito abaixo do esperado pois a base tem sido esquecida, a educação para o empreendedorismo. Se nos debruçarmos nos territórios de baixa densidade esta temática assume uma importância extrema pois hoje o grande desafio dos agentes locais centra-se nesta temática uma vez que só assim se consegue estimular a economia local, fomentar o emprego e competir numa economia global.

Com a imensidão de iniciativas, estudos e medidas para o fomento do empreendedorismo de inquestionável peso, importa analisar a base do sistema fomentando uma nova geração de empreendedores. Se refletirmos um pouco sobre outras temáticas que anteriormente foram muito discutidas tendo como exemplo a "reciclagem" podemos sem qualquer dúvida concluir, que foi nas escolas que se marcaram os passos mais importantes para hoje termos uma realidade completamente distinta a este nível.

Neste sentido é importante colocar uma ênfase maior para o ensino do empreendedorismo nas escolas dos territórios de baixa densidade pois só assim se conseguem melhores resultados a médio e longo prazo.

Tomamos como exemplo o Município de Alvito, que implementou em 2010 um programa nas escolas do Concelho para fomentar o empreendedorismo com o objetivo de inculcar nas crianças e nos jovens do Concelho de Alvito, um espírito empreendedor, capaz de influenciar positivamente a nova geração de habitantes e a economia da região.

A Câmara Municipal de Alvito, com a Terras Dentro – Associação para o desenvolvimento integrado e o Agrupamento de escolas do Concelho de Alvito aliaram o seu conhecimento da realidade do território à experiência internacional da Junior Achievement Portugal¹⁷, organização sem fins lucrativos que promove o gosto pelo risco, pela criatividade e pela inovação nas novas gerações e abraçaram em conjunto o desafio de implementar na comunidade escolar de Alvito diversos programas de sensibilização e incentivo ao empreendedorismo.

O programa funciona através de uma grande interligação de vários agentes do território com funções distintas sendo ministrado vários programas em sessões com as várias turmas envolvidas. Estas sessões são orientadas por voluntários tendo estes sido identificados como empreendedores locais colocando

¹⁷ **Junior Achievement Portugal** é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve em Portugal vários programas de empreendedorismo juvenil. <http://portugal.ja-ye.eu/>

em prática as suas ideias e teorias empreendedoras. O desenvolvimento dos programas fazem a ponte entre a educação e o mundo laboral.

Este é seguramente um exemplo a seguir nos territórios de baixa densidade pois o empreendedorismo é uma questão de atitude que precisa de ser construída e desenvolvida na tenra idade.

Se é verdade que os territórios de baixa densidade têm problemas mais difíceis de resolver em relação a territórios mais povoados, também é verdade que a implementação destas medidas se torna mais fácil, pois as mesmas dependem da vontade e empenho dos seus agentes locais.

As Câmaras Municipais, assumem assim um papel preponderante como agentes do desenvolvimento local e incremento de práticas empreendedoras. Acresce ainda o papel cada vez maior que as Câmaras Municipais têm em matéria de educação decorrente da transferência de competências, cada vez mais acentuada, por parte do Ministério da Educação.

Este exemplo coloca também uma interrogação, se hoje as nossas escolas estão a criar nos nossos jovens uma cultura de empreendedorismo?

Importa assim reforçar a competitividade dos territórios rurais contrariando a reduzida dinâmica empreendedora reforçando por via da educação as competências na área do empreendedorismo.



Miguel Barros

Investigador Associado ao Centro de Estudos de Antropologia e História do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa-INEP/Guiné-Bissau

debarros.miguel@gmail.com

ECONOMIA INFORMAL E ESTRATÉGIAS JUVENIS EM CONTEXTO DE CONTINGÊNCIA

Este estudo versa sobre formas singulares em que se dão os processos de inserção juvenil no mercado de trabalho, tendo em vista a fuga ao desemprego num contexto de elevados níveis de pobreza, através da identificação de estratégias e dinâmicas inovadoras que emergem num contexto imprevisível, socialmente marcado por contingências e níveis de pobreza elevados. Procura-se compreender em que medida os comportamentos dos jovens no quotidiano da cidade de Bissau – enquanto espaço económico – vão desde a lógica dos cálculos e da racionalidade, até à sua articulação com formas de ocupação do espaço, culturas e identidades, redes sociais e estruturas de governação, permitindo analisar de uma forma articulada (e questionar) as respostas do Estado guineense na matéria da Juventude, por um lado, e discutir os desafios face ao futuro, por outro. Do ponto de vista metodológico, foram identificadas um conjunto de actividades desencadeadas por jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre 18 a 35 anos e que aportam mecanismos de ‘inventividade’ e criatividade no quotidiano da cidade de Bissau, que constituem a principal actividade económica.

O texto completo consta no seguinte endereço da página do CISA-AS:

www.cisa-as.uevora.pt/empreendedorismo.htm



Patrícia Gomes

Investigadora de História e Instituições da
África moderna e contemporânea na
Universidade de Cagliari, Itália

gomes@unica.it

AS MULHERES DO SECTOR INFORMAL. EXPERIÊNCIAS DA GUINÉ-BISSAU

A República da Guiné-Bissau, independente desde Setembro de 1974¹⁸, conheceu um percurso histórico político difícil, sobretudo nas últimas três décadas. Após o golpe de estado de 1980, cuja consequência directa foi a ruptura do projecto histórico de unidade entre a Guiné-Bissau e Cabo-Verde, abriu-se uma nova época de “contrastos entre diversas etnias e realidades sociais”. Os anos oitenta foram marcados, por um lado, por um “fermentar da actividade política”, ainda que o PAIGC, partido no poder, se tivesse mantido como força dominante e, por outro, pelo início de um processo de liberalização económica. Esse processo e a sucessiva abertura política tiveram importantes repercussões na vida económica e social das mulheres guineenses. O aumento contínuo das actividades económicas alternativas e a crescente necessidade de recorrer a mecanismos financeiros de apoio levaria à criação em 2002 de uma instituição financeira não bancária, denominada “Bambaram”¹⁹, cuja finalidade é a de arrecadar as poupanças das pequenas empresárias para a concessão de crédito e a educação económica e social dos seus membros.

O estudo analisa o fenómeno das redes femininas de solidariedade guineenses na cidade de Bissau e a sua importância na sociedade, procurando compreender os mecanismos de funcionamento e o impacto económico, social e cultural. Paralelamente, foram utilizados como suporte um estudo de campo realizado em Bissau entre Março e Abril de 2008 (entrevista efectuada à responsável da cooperativa de poupança e crédito “Bambaram” e questionários submetidos às representantes e às associadas de quatro associações femininas de actividade económica afiliadas à cooperativa (Associação das Mulheres Peixeiras AMU-PEIXE, Associação das Mulheres Revendedeiras de Peixe MAVIP, Associação das Mulheres Tintureiras de Bissau DUA-DJABI, Associação das Mulheres Revendedeiras do Mercado de Clelé NUNCA-FALTA).

O texto completo consta no seguinte endereço da página do CISA-AS:

www.cisa-as.uevora.pt/empreendedorismo.htm

¹⁸ A independência da República da Guiné-Bissau foi declarada por via unilateral em 24 de Setembro de 1973, reconhecida um ano depois pelo Governo de Lisboa, sucessivamente à assinatura dos acordos de Argel de 1974 (veja-se MACQUEEN, Norrie: *A descolonização da África Portuguesa*. Editorial Inquérito. Mem-Martins, 1998, em particular pp.37-65 e 129-142)

¹⁹ O nome “Bambaram” significa em crioulo o pano com o qual as mulheres aconchegam os próprios filhos às costas e como afirma Francisca Vaz Turpin, “partimos do princípio que as nossas mulheres devem ser aconchegadas e apoiadas, por isso a escolha desse nome (veja-se entrevista a Francisca Vaz Turpin, presidente da cooperativa de poupança e crédito Bambaram, apêndice-1).



Rui Fragoso

Professor Auxiliar c/ Agregação
Escola de Ciências Sociais –
Departamento de Gestão da
Universidade de Évora

rfragoso@uevora.pt

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E EMPREENDEDORISMO NA REGIÃO ALENTEJO

Tendo como referência o PIB *per capita*, as regiões portuguesas do interior do País apresentam um nível de vida e taxas de crescimento económico inferiores às regiões do litoral e da média da União Europeia. Esta situação traduz-se em baixos níveis de produtividade, de capacidade para desenvolver processos de criação de valor e de emprego. No caso de Portugal, a globalização contribuiu ainda mais para acentuar esta trajetória negativa. Uma opção viável para contrariar o subdesenvolvimento económico e social dos territórios mais desfavorecidos, poderá ser a adoção de estratégias de desenvolvimento sustentável guiadas por fenómenos de empreendedorismo. Nesse processo será importante ter em conta os aspetos do habitat regional que devem ser valorizados na perspetiva do empreendedorismo e o posicionamento estratégico regional, que é dado pela posição de mercado e pelo perfil de especialização produtiva de uma região.

No caso concreto da região Alentejo, por comparação com a região de Lisboa que é considerada pelo critério do PIB *per capita* uma região desenvolvida no contexto da UE, verifica-se que o habitat regional é pouco propício ao aparecimento de fenómenos de empreendedorismo. No entanto, há alguns aspetos em que a região Alentejo apresenta indicadores interessantes que podem ser aproveitados para melhorar o habitat regional. Estes indicadores estão relacionados com uma maior taxa de sobrevivência das empresas após dois anos de atividade, com a elevada produtividade do trabalho, com remunerações salariais mais baixas, com uma elevada percentagem de pessoas envolvidas em programas de investigação e desenvolvimento e com a existência de economias de escala e de economias de escopo em alguns setores de atividade. Parece também evidente a necessidade da região Alentejo redefinir a estratégia do seu modelo hélix-triplex, privilegiando uma maior articulação entre as empresas a Universidade de Évora e o Estado, o poderá ser conseguido através de uma aposta clara nos projetos de investigação ação e na transferência de tecnologia. As dinâmicas empreendedoras do habitat são bastante diversificadas no seio da região Alentejo. A Universidade de Évora no Alentejo Central, o complexo industrial de Sines no Alentejo Litoral ou os níveis das variáveis da população na Lezíria do Tejo assumem um papel importante na diversificação e promoção das estratégias de empreendedorismo.

Em termos de posicionamento económico regional, o Alentejo é uma região em que o agro-negócio, o turismo e as atividades relacionadas com as suas disrupções sociais e ambientais, que constituem a base do seu modelo económico, devem ser consideradas as fontes privilegiadas de oportunidades para novos fenómenos de empreendedorismo e inovação numa perspetiva de desenvolvimento sustentável.



Victor Dordio²⁰



dynmed_alentejo@hotmail.com

EMPREENDEDORISMO NO CONCELHO DE FERREIRA DO ALENTEJO²¹

RESUMO

No texto integral o autor defende que as autarquias enquanto órgão de governo à escala local são seguramente as entidades melhor posicionadas no território para constituírem a interface privilegiada com o potencial empreendedor.

Ilustra esta afirmação com o caso da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, cujo dinamismo faz dela uma referência no panorama do apoio autárquico ao desenvolvimento económico no Alentejo, tendo constituído recentemente um serviço neste domínio que designou de “Ninho de Empresas”, acompanhado por um “Conselho Municipal para o Empreendedorismo”.

Acrescenta ainda que, este município constituiu já diversas parcerias, formais ou informais, numa rede que visa garantir o sucesso no seu funcionamento, quebrando as tradicionais barreiras que fazem com que as instituições sejam resistentes à mudança e à inovação.

Refere ainda que estrutura de apoio ao empreendedorismo que a Autarquia está a por em prática, assenta em dois pilares: i) uma componente física, composta essencialmente por um edifício construído de raiz (deverá estar concluído em Setembro próximo e completamente operacional para poder acolher os primeiros empreendedores no “Ninho de Empresas” que ali se espera implantar, e, ii) uma componente institucional, assente em serviços especializados, municipais e exteriores em parceria formal. Estas duas estruturas completam-se e funcionam em perfeita sintonia, no sentido de assegurar o máximo de eficiência ao sistema.

Esclarece que a componente institucional do apoio ao empreendedorismo no concelho de Ferreira do Alentejo assenta, na sua vertente operacional, no CEDEC – Centro de Desenvolvimento Económico e Captação de Investimento, serviço da autarquia especializado neste domínio e na vertente decisional no Conselho Municipal para o Empreendedorismo.

Salienta que, podendo algumas iniciativas de empreendedorismo no concelho revestir-se de um carácter mais social, a autarquia associou então também o GIS – Gabinete de Inserção Social no processo de avaliação das iniciativas, quando tal se justificar, encontrando-se a ponderar a hipótese de constituir uma “Bolsa de Ideias”, composta por um conjunto de propostas de criação de negócios e destinadas a empreendedores que se queiram habilitar à sua adopção.

Considera que, caso surjam ideias ou propostas apresentadas pela própria autarquia ou qualquer pessoa, para fazer face a necessidades ou oportunidades pressentidas, e para as quais a Câmara procure quem as adopte e aplique, a partir de um conjunto existente na Bolsa de Ideias, estaremos perante um caso peculiar de empreendedorismo, o que não deixa de merecer destaque e alguma análise e reflexão do ponto de vista teórico.

²⁰ Presidente da Direcção de DynMed Alentejo – Associação para Estudos e Projectos de Desenvolvimento Regional.

²¹ O artigo completo será disponibilizado em futuro próximo numa publicação que está a ser preparada pelo Departamento de Sociologia e pelo Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia da Universidade de Évora.

CONTRIBUTOS CONJUNTOS

Como já aludido, encontram-se incluídos neste ponto, os três contributos subscritos por dois ou mais autores, que foram publicados em algumas das Newsletters anteriores.



Marcos Olímpio

CISA-AS

mosantos@uevora.pt

Colaboradores

Margarida Vasco

Terras Dentro

margarida.vasco@terrasdentro.pt

Joaquim Amado

Terras Dentro

amado@terrasdentro.pt

ACTUAIS E FUTUROS PROBLEMAS COM QUE FUNDAMENTALMENTE SE VÃO DEBATER ATÉ 2013 E NO CICLO 2014-2020 OS AGRICULTORES DO ALENTEJO – CONTRIBUTO PARA APROFUNDAMENTO DO TEMA

Este texto tem como finalidade proporcionar um contributo para aprofundamento do tema, sendo para o efeito apresentados os resultados parcelares de um estudo realizado pela Associação Terras Dentro (TD).

A informação apresentada resulta de um inquérito por questionário aplicado em 2011 a 25 agricultores cujas explorações se localizam no perímetro da Zona de Intervenção (ZI) referida.

Na opinião dos respondentes, os principais problemas com que se deparam os agricultores da área geográfica em que decorreu o estudo, são os que constam no quadro seguinte.

Preocupações dos agricultores da Zona de Intervenção da TD	N.º de respostas
Dificuldades de financiamento (7) + Dificuldade de acesso ao crédito (2)	9
Falta de mão-de-obra	4
Falta de informação sobre as perspectivas para os agricultores	4
Preço da terra	2
Qualificação insuficiente de mão-de-obra	1
Fraca competitividade	1
Impactos ambientais provenientes do exterior	1

Fonte: Terras Dentro (2012). Nova agricultura para novos agricultores.

Os resultados confirmam as afirmações de representantes de agricultores, que recorrentemente têm vindo a ser divulgadas na comunicação social. Confirmam também algumas das dificuldades com que se deparam os jovens que pretendem instalar-se como agricultores.

No ciclo 2014-2020 as dificuldades referidas podem ser agravadas ou minimizadas por dinâmicas como as referidas no próximo quadro.

Dinâmicas que podem influenciar a agricultura no ciclo 2014-2020

Dinâmicas negativas	Dinâmicas positivas
<ul style="list-style-type: none"> ✓ PAC será uma ameaça caso se generalize o desligamento das ajudas; ✓ Mau funcionamento dos mercados em geral e do mercado fundiário em particular; ✓ Má aplicação da PAC, não aproveitando margem de manobra nacional; ✓ Deficiente organização dos agricultores; ✓ Dificuldades em organizar as pessoas; ✓ Deficiente organização; ✓ Elevados custos de produção e outros custos relacionados; ✓ Prejuízos em geral e, em particular, para os jovens agricultores caso se venha a verificar o desligamento das ajudas; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ PAC será uma oportunidade se possibilitar o investimento numa política nacional; agroalimentar que permita também legitimar as ajudas públicas à agricultura; ✓ Apostar numa ótica de fileira de criação de valor em termos de objetivos da PAC; ✓ Pagamento “greening” - pagamento ecológico, benefícios ambientais e outros; ✓ Incentivos da Comissão Europeia, através de apoios às organizações de produtores; ✓ A nova PAC poderá vir a favorecer jovens ou quem vier a iniciar a atividade agrícola;

Fonte: Terras Dentro (2012) – Colóquio de 02 de Maio 2012

Neste contexto, se algumas das dificuldades não forem obviadas satisfatoriamente, dificilmente ocorrerá o rejuvenescimento do empresariado agrícola alentejano.

O PROJECTO ALENTEJO EMPREENDE

O 2º Encontro sobre Empreendedorismo, que teve lugar na Universidade de Évora, trouxe à colação a importante temática da envolvente àquela dinâmica, que importa impulsionar, com o objectivo de contribuir para que a Região do Alentejo se afirme enquanto um território competitivo e inovador.

Numa economia baseada no conhecimento, principal fonte de vantagem competitiva num mundo cada vez mais global, a importância do empreendedorismo e da inovação cresce exponencialmente.

A necessidade de criação de um ambiente favorável a essas duas dimensões assumiu-se, naquele fórum, como fulcral, designadamente ao nível da consolidação de redes de apoio ao empreendedor.

Constatada a multiplicidade positiva de actores, publicos e privados, na Região, constituiu conclusão da Sessão “Criação de uma cultura de parceria e trabalho em rede” pugnar pela necessidade de melhor articular as diversas organizações de suporte, numa lógica de aportar valor à rede, que se pretende informal e inclusiva, mas dotada de coordenação eficaz, criando uma lógica de “no wrong door”.

Através deste conceito, qualquer organização que acolha ou apoie o empreendedor deve garantir que no seio da rede são localizadas as diversas valências e competências (v.g. assistência técnica, formação, financiamento, incubação), obstando à necessidade, muitas vezes sentida, de interacção com inúmeras Entidades do lado da oferta.

É este também um dos objectivos do projecto “Alentejo Empreende” iniciativa liderada pela ADRAL com o apoio do Programa Operacional Regional do Alentejo - INALENTEJO.

O Alentejo Empreende conta com uma parceria alargada constituída por entidades como as CIM – Comunidades Intermunicipais, as Fundações Eugénio de Almeida e Robinson, as Associações de Desenvolvimento Local ADER-AL, Alentejo XXI, ESDIME, Leadersor, MONTE-ACE, Rota do Guadiana e Terras Dentro, bem como com o apoio do IAPMEI e do IEFP.

Esta parceria tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos meses um conjunto de actividades ligadas à criação da Rede Alentejo Empreende, que pretende efectivar a conjugação de esforços e de recursos com o intuito de potenciar e criar valor acrescentado para todos os empreendedores da Região, através da partilha de informação sobre serviços e produtos ligados ao apoio à criação ao auto-emprego.

Com o projecto Alentejo Empreende a parceria pretende desenvolver um conjunto de actividades que contribuam para tornar o Alentejo “uma região atractiva, caracterizada pela sua capacidade criativa e empreendedora, capaz de gerar dinâmicas, riqueza e emprego enquanto pilares para o desenvolvimento sustentável, para o crescimento económico e para a melhoria da qualidade de vida”.

EMPREENDEDORISMO JUVENIL – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM DOIS CONTEXTOS DO ALENTEJO

TÓPICOS ABORDADOS	 <p style="text-align: center;">RESPOSTAS DE MÁRIO ENCARNADO Alvito (Chefe de gabinete do Presidente da C.M. de Alvito)</p>	 <p style="text-align: center;">RESPOSTAS DE TIAGO MALATO Castelo de Vide (Presidente da OCRE – Associação para a Valorização do Ambiente, Cultura, Património e Lazer de Castelo de Vide)</p>
Breve localização e caracterização do local onde se reporta o artigo)	<p>O concelho de Alvito situa-se no Baixo Alentejo, a cerca de 30 Km de Beja e a 40 Km de Évora. Com uma superfície de 267,2Km², encontra-se dividido em duas freguesias – Alvito, que é a sede de concelho, e Vila Nova da Baronia.</p> <p>Com uma população de 2504 habitantes, de acordo com o Censo de 2011, Alvito é um dos concelhos mais pequenos e menos populosos do Baixo Alentejo. O concelho tem perdido população desde a década de 1940 registando apenas um pequeno crescimento populacional de 1991 para 2001.</p>	<p>Concelho do Alto Alentejo, confinante de Portalegre, situa-se no Parque Natural da Serra de São Mamede. <i>De reduzida dimensão (3407 hab.), com baixos níveis de escolaridade e de rendimento, constitui o espaço de vida de 544 crianças e jovens, dos 6 aos 24 anos.</i> Destes, 41% São cidadãos com apoio social escolar, em famílias com RSI, com recurso a Cantina Social ou seguidas pela CPCJ. O concelho apresenta um envelhecimento demográfico (328,2 idosos por cada 100 Jovens) superior à média do Alto Alentejo, que é a NUTIII mais envelhecida do Alentejo; Não obstante a riqueza em equipamentos e recursos naturais, turísticos, culturais, desportivos e paisagísticos, o Concelho não tem conseguido inverter a perda de população, que se vem acentuando. Regista, entre todos os concelhos do Alto Alentejo, o maior decréscimo relativo de população com menos de 15 anos entre 2001 e 2011.</p>
Questões / desafios / problemas que se colocam à população em geral, aos decisores políticos e aos jovens em particular	<p>O principal desafio será a criação de condições para travar o despovoamento de um concelho de baixa densidade, criando condições para que os jovens encontrem nos seus territórios motivações para se fixar empreendendo. A educação para o empreendedorismo constitui um fator chave para alcançar este objetivo a médio e longo prazo. A implementação de uma estratégia e políticas que permitam inverter este despovoamento constituem o atual desafio.</p>	<p><i>O espaço de vida e formação das crianças e jovens de C. Vide está fortemente condicionado pela pobreza desqualificante emergente em todos os estratos. A acumulação de vários handicaps de impacto nos adultos e famílias, refletem-se no plano psicossocial e na construção da “identidade” das crianças e jovens, e suas trajetórias. Os momentos afetos à “idade escolar”, comuns a todos os cidadãos, são a oportunidade maior para a construção cívica e participação comunitária, contrariando a estigmatização e exclusão, tantas vezes induzida pelos adultos. A capacidade de reinventar a sua base económica, tirando partido das suas subtilezas e do fomento à inovação, define a grande questão atual. Para tal é necessário o desenvolvimento rigoroso de competências, individuais e de grupo, capitalizando experiências e aprendizagens, locais e exteriores de forma continuada.</i></p>

<p>Que preparação / formação é ministrada aos jovens para o seu futuro (níveis de ensino oficial e particular), incluindo o ensino do empreendedorismo (formal ou informalmente)</p>	<p>A oferta educativa do concelho de Alvito abrange a educação pré-escolar, 1º, 2º, 3º ciclo de escolaridade e ensino profissional. A nível do empreendedorismo está implementado desde 2010 um programa para ensino do empreendedorismo juvenil, Aprender a Empreender. No ano letivo 2011/2012 o programa Aprender a empreender no Concelho de Alvito foi aplicado no 1º,2º,5,7º e 9º ano de escolaridade num total de 7 Turmas, 105 Alunos, e 5 voluntários,</p>	<p>No que respeita à educação/ formação formal, a rede Escolar de Castelo de Vide engloba o Jardim de Infância e os 1º, 2º e 3ºs ciclos do ensino Básico. O Agrupamento de escolas mantém para o efeito a escola de Póvoa e meadas, com valência de Jardim de Infância e uma sala de 1º Ciclo que engloba todos os anos. Em contexto particular existe um Jardim de Infância da paróquia. O Agrupamento de Escolas tem protocolo firmado com a associação OCRE, trabalhando esta com todas as turmas do agrupamento, projetos e ações ligadas à emancipação cívica e valorização pessoal e comunitária, educação pelas artes, dança para a comunidade, valorização de competências e recursos locais, empreendedorismo, mobilidades juvenis. Salienta-se igualmente a relação entre o Agrupamento e a UNICER, através da qual se estruturam iniciativas de reforço educacional e educação parental.</p>
<p>Importância do ensino do empreendedorismo no contexto referido</p>	<p>A Câmara Municipal de Alvito, com a Terras Dentro – Associação para o desenvolvimento integrado e o Agrupamento de escolas do Concelho de Alvito aliaram o seu conhecimento da realidade do território à experiência internacional da Junior Achievement Portugal²², organização sem fins lucrativos que promove o gosto pelo risco, pela criatividade e pela inovação nas novas gerações e abraçaram em conjunto o desafio de implementar na comunidade escolar de Alvito diversos programas de sensibilização e incentivo ao empreendedorismo.</p> <p>O programa funciona através de uma grande interligação de vários agentes do território com funções distintas sendo ministrado vários programas em sessões com as várias turmas envolvidas. Estas sessões são orientadas por voluntários tendo estes sido identificados como empreendedores locais colocando em prática as suas ideias e teorias empreendedoras. O desenvolvimento dos programas fazem a ponte entre a educação e o mundo laboral.</p> <p>Este é seguramente um exemplo a seguir nos territórios de baixa densidade pois o empreendedorismo é uma questão de atitude que precisa de ser construída e desenvolvida na tenra idade.</p> <p>A aposta no ensino do empreendedorismo revela-se assim de extrema importância para inverter o processo de despovoamento do Concelho de Alvito.</p>	<p>O trabalho realizado entre a OCRE e o agrupamento de escolas, no contexto do empreendedorismo tem sido de uma importância vital para a experiências formais e não formais dos alunos. Todos os jovens em idade escolar estudantes no concelho frequentaram as atividades da associação, em particular nos últimos 3 anos. A sua ação sustenta-se nas mobilidades juvenis, oficinas artísticas e de tradição, voluntariado juvenil e sénior, formação não formal, tendo, nos últimos 10 anos realizado trabalho continuado em proximidade, implicando indivíduos de todos os estratos económicos e sociais, naturais, extra-locais, oriundos de diversas comunidades principalmente rurais (EU, Africa, América Latina). A partilha de visões e experiências reais, tem contribuído para uma maior consciencialização das oportunidades e de tomada consciente do risco de empreender localmente.</p>

²² **Junior Achievement Portugal** é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve em Portugal vários programas de empreendedorismo juvenil. <http://portugal.ja-ye.eu/>

<p>Apoios e as dificuldades com que os jovens se deparam para criarem um empreendimento (nomeadamente estabelecerem-se por conta própria)</p>	<p>Considerando que nos nossos dias o acesso à informação através da internet e outros meios disponíveis permitem aos jovens chegar aos meios de financiamento e outros necessários à concretização de uma ideia de negócio, a principal dificuldade prende-se com a falta de cultura de empreendedorismo. A falta de “cultura e educação” para o empreendedorismo vem da ausência da abordagem sistemática desta temática na escola. Não basta falar de empreendedorismo se não inculcarmos uma cultura de raiz nas escolas que permita às crianças e jovens alcançar gradualmente níveis sobre esta temática.</p>	<p>Eficácia reduzida ou nula das respostas institucionais (ex. Rede Social, Gabinetes de Inserção Profissional), concentradas sobretudo sob alçada da Câmara Municipal. Desinvestimento público na valorização do empreendimento local jovem. Ineficácia, ausência ou repúdio de contratualização com as instituições do 3º sector, limitando-se esta a apoios pecuniários pontuais a algumas entidades (Bombeiros, coletividades, associações desportivas, Ranchos Folclóricos, Banda de Musica). Ausência de vontade institucional para a dinamização de competências (pessoais, sociais, pré-profissionais, de gestão) de suporte à realização de processos, produtos e artefactos bem como de acompanhamento ao empreendedor jovem. A Autarquia historicamente assume-se como a grande empregadora local e acaba por ser o objetivo, mesmo que precário da população jovem que não emigra.</p>
<p>Casos de empreendedorismo (empresarial, social, intra-empresarial) identificados no território seleccionado</p>	<p>O projeto aprender a empreender nas escolas do concelho de Alvito assenta numa base de voluntariado pois são estes que ministram gratuitamente as sessões de empreendedorismo nas escolas. Desta forma o programa tem conseguido captar a atenção de alguns empresários que se têm voluntariado para aplicar os vários programas na escola, criando assim uma relação privilegiada entre a escola e as empresas. De referir que o projeto Aprender a Empreender começou a ser implementado em 2010 pela Câmara Municipal de Alvito sendo o 1º projeto de empreendedorismo juvenil a surgir no Alentejo. O projeto tem aumentado o nº de turmas e alunos envolvidos e é apontado por alguns Autarcas do Baixo Alentejo como um modelo de boas práticas a seguir.</p>	<p>A OCRE- espaço cívico dedicado à inovação e empreendedorismo jovem no mundo rural, ao (re) conhecimento do espaço de vida e pertença de comunidade. Estufas de hortícolas de João Espanhol: Jovem agricultor que tenta sobreviver cativando mercados locais e distribuição privada, após renegociação com grandes distribuidoras. Rebuçados de Portalegre: Estratégia empresarial completa, concilia uma receita conventual com a inovação de conservação. Cativa mercados locais e extralocais, integrando redes de distribuição de charme; Hotel canino: montado em espaço rural, que descontinuou devido a insuficiência de abastecimento de água; Alma recolectora - Residência Cultural: Espaço para criação artística, reciclagem, turismo cultural. Descontinuado por demora de licenciamento e impossibilidade de laboração informal. Migração dos empreendedores para Lisboa.</p>

<p>Lições aprendidas / Boas práticas identificadas pelo autor (podem ser casos que não correram bem, sendo de relatar neste caso o que se pode ter aprendido com o insucesso)</p>	<p>A aplicação do referido projeto terá certamente os seus frutos a médio e longo prazo mas o balanço efetuado até ao momento é bastante positivo pois tem permitido envolver mais a escola na temática do empreendedorismo desde a tenra idade.</p>	<p>De todas as práticas experimentadas no campo da formação para o empreendedorismo, destaco globalmente pelos resultados seguidos, as diversas atividades de estruturação de redes entre agentes e comunidades rurais, nacionais e estrangeiras (job Shadowing, intercâmbios de agentes) e o trabalho de intervenção cívica e comunitária junto das crianças e jovens, desenvolvido em parceria com a escola. Se o primeiro possibilita alargar horizontes e antecipar oportunidades e percursos, o segundo possibilitou a construção de linguagem e procedimentos práticos numa etapa de formação fundamental. A continuada não valorização da cultura de empreender, as dificuldades de sustentação de projeto, a não integração estratégica dos empreendedores, ajustam a debilidade da base económica local. A migração surge por vezes como resultado das experiências tidas pelos jovens adultos.</p>
<p>Sugestões / recomendações para melhorar localmente o panorama no que se refere ao fomento do empreendedorismo (pode incluir propostas para articulação de entidades locais, acções de formação, iniciativas de curta duração, estudos)</p>	<p>A nível local ainda existe muito trabalho a desenvolver, sobretudo em relação ao estabelecimento de parcerias entre a Câmara Municipal e os privados, de forma a planear ações conjuntas que promovam o empreendedorismo (Ações de formação, workshops sobre financiamento e outras temáticas).</p>	<p>De forma geral é necessário concertar agentes e práticas tendo em vista genericamente: Valorizar e Integrar as competências e especificidades locais na formação formal e não formal de acordo com as necessidades presentes e futuras; Ambicionar de forma proactiva a sustentabilidade local e a rentabilidade em contexto supra local; Incrementar os valores e espaços da participação cívica e democrática, em particular adstritos aos mais jovens, integrando-os em continuidade nas definições e decisões estratégicas; Inverter a depreciação da “Ruralidade” por oposição aos valores da urbanidade desqualificante. Mais do que acertos pontuais, é urgente trabalhar o ambiente para o empreendedorismo procurando a permanência dessa cultura, a responsabilização real de entidades públicas e privadas, a troca de experiências, as mobilidades e o trabalho em redes alargadas.</p>

CASOS DE SUCESSO APRESENTADOS NO 1º ENCONTRO

Nas páginas seguintes são apresentados com algum detalhe, os dois casos bem sucedidos que foram expostos no “1º Encontro sobre Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade Populacional, em conjuntura de crise sistémica”, o qual decorreu na Universidade de Évora no dia 17 de Janeiro de 2012.



Catarina Bucho Machado

Tipologia do empreendimento	Empresarial (X); Social (); intra-empendedorismo (); Outro ()
Designação do caso bem sucedido	Mercearia de Marvão
Ano da criação ou em que ocorreu*	Novembro de 2011
Localização / Organização / Instituição	Marvão
Sector de actividade	Comércio a Retalho/Guia Turística/Artesã
Zona de abrangência (se aplicável)	Não aplicável
Público-alvo	População local; turistas e cibernautas
Apoios iniciais* (se aplicável)	<u>Programa de Apoio ao Empreendedorismo e à Criação do Próprio Emprego (IEFP)</u>
Outras informações adicionais	<p>Como surgiu a ideia? Como forma a escapar a uma situação de desemprego. Estava grávida de oito meses do meu segundo filho quando soube que provavelmente iria perder o meu emprego. Trabalhei nove anos no Município de Marvão, na divisão cultural (biblioteca e arquivo) sempre a contratos até que motivado pela “crise” o executivo entendeu dispensar-me. O que fazer numa terra sem oportunidades para uma pessoa formada? O mais fácil teria sido fazer as malas e ir para o litoral. Mas não foi esse o projecto de vida que escolhi para mim e para a minha família. Resolvi ser empreendedora em tempos de crise. Criei o meu próprio emprego na pior altura do ano e na pior conjuntura nacional e internacional possível. Em Marvão.</p> <p>Génese ou origem da ideia de negócio. A aposta na área do turismo foi óbvia porque é esse o caminho natural numa terra com as características de Marvão.</p> <p>Queria apoiar os produtores locais servindo como "loja" para eles, queria servir os turistas com bom artesanato mas também dar à população de Marvão (que não tinha Mercearia) um serviço básico e essencial. Gosto, em tudo o que faço, de contar uma história, por isso a Mercearia de Marvão tem a imagem que tem, é o espaço de encontro de uma comunidade, um sítio onde nos revemos e recordamos. Uma mercearia à antiga portuguesa.</p> <p>Quais os problemas que surgiram logo de início. A compra do edifício para ser sede do meu negócio. O financiamento. O facto de ser um concelho do interior e portanto longe de tudo O facto de vir de uma área profissional completamente diferente e ter que aprender tudo de novo. A conjuntura nacional e internacional e o medo por ela provocado.</p> <p>Quais as motivações para se tornar empreendedor. Em Marvão porque foi aqui que criei raízes, porque foram aqui que nasceram os meus filhos. Um negócio próprio: a reprodução de uma mercearia antiga, típica das aldeias/vilas alentejanas, onde se vendam não só produtos regionais como também alimentos/bens necessários ao dia a dia de uma comunidade ou pequenas lembranças (artesanato típico) aos visitantes. A Mercearia de Marvão tem como intenção valorizar os produtos sobreviventes ao tempo e à massificação do consumo, dar escoamento à produção regional e revelar Marvão enquanto marca e enquanto produto turístico. A ideia de serviço à comunidade local e não só ao turista, pretende manter-se com a venda de produtos de mercearia, serviço inexistente e de inegável necessidade e utilidade.</p> <p>Sentiu-se desmotivado ou incerto quanto às ideias? Se sim, como enfrentou tal situação. Preparando cada passo convenientemente, apostando na formação e reunindo toda a família e amigos em redor deste projecto.</p> <p>Conselhos de cada empreendedor relativamente a esta temática. Estar preparado para ir à luta, porque os jovens empresários portugueses actualmente são mesmo verdadeiros guerreiros.</p>
Nome do Respondente	Catarina Bucho Machado
Contactos (e-mail; tlm)	catbucho@hotmail.com www.facebook.com/merceariamarvao www.innmarvao.com



Helena Manso

Tipologia do empreendimento	Empresarial (X); Social (); intra-empendedorismo (); Outro ()
Designação do caso bem sucedido	@mesa.com
Ano da criação ou em que ocorreu*	2003
Localização / Organização / Instituição	Santiago de Cacém
Sector de actividade	Comércio a retalho: artigos para o lar e de decoração (interior e exterior), alguns acessórios de moda especiais, de fabricantes ligados nomeadamente às fileiras da lã e da cortiça. – actualmente on-line
Zona de abrangência (se aplicável)	Não aplicável
Público-alvo	Cibernautas de todo o mundo
Apoios iniciais* (se aplicável)	Não aplicável
Outras informações adicionais	<p>Como surgiu a ideia?</p> <p>Em Santiago do Cacém não havia nenhum estabelecimento dedicado especificamente à amesendação , o novo Hospital do Litoral Alentejano estava em acabamento prevendo-se a chegada de muitas pessoas</p> <p>Génese ou origem da ideia de negócio.</p> <p>Desde sempre que ambicionava ter uma loja dedicada entre outros à amesendação com marcas nacionais e à sua divulgação bem como à divulgação do nosso artesanato de qualidade . Desde há muitos e muitos anos que colecionava cartões de artesãos e empresas relacionados sendo que os amigos quando queriam qualquer coisa me perguntavam onde encontrar e como conseguir. O logo pretende ter as cores do Alentejo – o amarelo do Trigo, o azul da Alfazema, e o púrpura/roxo da Genciana</p> <p>Quais os problemas que surgiram logo de início.</p> <p>Dificuldade em arranjar localização adequada da loja. Vinda de uma área completamente diferente todas as matérias ligadas à exploração e gestão comercial eram-me completamente desconhecidas obrigando-me a aprender. Além disso como dentro em breve foi necessário estender os produtos aos têxteis-lar que não artesanais tive de aprender também informações sobre estes e os diferentes</p> <p>Quais as motivações para se tornar empreendedor.</p> <p>A empresa já estava no mercado desde 1991 embora com uma CAE principal totalmente diferente e que tinha surgido directamente da minha área profissional. Aqui tratou-se de uma estratégia de diversificação da área de negócio tentando aproveitar o que nos pareceu uma oportunidade</p> <p>Sentiu-se desmotivada ou incerta quanto às ideias? Se sim, como enfrentou tal situação.</p> <p>Com a conjuntura local e nacional (e alguns erros nossos como a decoração desadequada da loja) as coisas não correram como previsto. Fui obrigada a encerrar a loja e a transferir o comércio a retalho para loja on-line para salvar a empresa e o posto de trabalho. Com o apoio e empenho da família que está toda envolvida no projecto e na resolução dos problemas que vão aparecendo. Com o empenho da funcionária. Com aposta na formação.</p> <p>Conselhos de cada empreendedor relativamente a esta temática.</p> <p>Estar preparado para não desistir, para ir à luta, para transformar azares em oportunidades, para aprender com os erros.</p> <p>Ter em grande atenção o planeamento de qualquer acção que deve ser preparada minuciosamente.</p> <p>Não descurar a formação que deve ser permanente – neste mundo em mudança a nossa formação é sempre insuficiente e nunca está completa</p> <p>Lisura de comportamento para com os funcionários para que eles vistam a camisola da empresa</p>
Nome do Respondente	Helena Manso Ribeiro
Contactos (e-mail; tlm) Web site	www.amesashop.com/shop/pt/historia-da-empresa.html

DESTAQUES

Actividades desenvolvidas pelo Cremp (Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino)

O Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino no Alentejo Central (CREmp AC) durante o primeiro semestre de 2013 apostou na dinamização das redes de apoio ao empreendedorismo:

Na rede de Mulheres Empresárias e Rede de Empresários de Turismo do Alentejo Central.

Na rede de Mulheres Empresárias através da realização de ações de formação, reforçando assim as suas competências nos domínios da gestão e das novas tecnologias de informação; e na realização de uma visita de boas práticas realizada às empresas na região do CREmp BIS (Beira Interior Sul).



Na Rede de Empresários de Turismo foram realizadas duas visitas de boas práticas, uma à Rede Casas Brancas em Odemira e outra à Rede Casonas Asturianas, com o objectivo de conhecer duas realidades diferentes e válidas para a dinamização do sector na região.

A visita às Casas Brancas decorreu no dia 6 de Março e compreendeu a visita às seguintes unidades de turismo que integram a rede: Quinta do Chocalinho (Bemposta-Odemira), Casa do Adro (Milfontes), Três Marias (Ribeira da Azenha-VN Milfontes), Herdade da Matinha (Cercal do Alentejo-VN Milfontes). A visita permitiu conhecer a Associação/Rede Casas Brancas, desde o seu início integrada na rota vicentina até ao momento, o seu funcionamento, a projecção internacional e a aposta na qualidade dos serviços.



A visita de boas práticas à rede de turismo Casonas Asturianas realizou-se de 21 a 24 de Abril de 2013, em parceria com o CREmp BIS, com a participação de empresários de ambas as regiões. Esta visita permitiu conhecer a receção que, de um modo geral, todas as empresas de referência seguem, o uso dos produtos locais para a divulgação da região em complementaridade com as unidades de alojamento, de restauração e de animação existentes. A troca de experiências entre os empresários de turismo das Astúrias permitiu verificar alguns pontos comuns entre as regiões e algumas formas dinâmicas para contornar os problemas com que se deparam, o apoio entre empresários na promoção das empresas ainda pouco comum.



As visitas permitiram a troca de experiências e ideias entre os/as empresários/as participantes, conhecer os modos de funcionamento de ambas as redes, saber como procedem à divulgação e sustentabilidade das mesmas. Deste modo, contribuiu-se para o fortalecimento e desenvolvimento das empresas de turismo da região do Alentejo Central.

Na área do turismo, conseguimos reforçar competências a empresários da região do CREmp AC e CREmp BIS, através da realização da formação “Funcionamento no Turismo Rural”, uma ação com uma forte componente prática que permitiu aos/às empresários/as reforçar os seus conhecimentos ao nível da qualidade dos serviços que dispõem ou irão ter disponíveis nas suas unidades.

No momento decorre uma ação de formação para reforço na área do turismo, de “Ferramentas de Gestão para Micro Empresas de Turismo Rural”.



Foi elaborada uma metodologia de apoio ao empreendedorismo – META Emp – que tem por objetivos prestar apoio técnico à criação e consolidação de projetos, criar e disponibilizar instrumentos necessários para a criação e desenvolvimento da ideia/empresa, e estimular o desenvolvimento de novos empreendedores. A metodologia será lançada em Junho de 2013, no âmbito da Feira do Empreendedorismo.

O CREmp AC disponibiliza ainda assessoria jurídica às empresárias que compõem a Rede, e consultoria nas áreas da gestão, promoção e marketing, com o objetivo de apoiar as empresas nas suas fragilidades e reforçar conhecimentos e orientações para o desenvolvimento das atividades.

O Centro de Recursos de Empreendedorismo Feminino vai continuar a apostar no reforço de competências através da realização de ações de formação, consultoria, visitas de boas práticas e outras atividades que suscitem a novos caminhos para as/os empresários da região.

Na página seguinte consta um quadro no qual se encontra sistematizada toda a informação sobre as ações e atividades já concretizadas, em curso, ou previstas.

Ação	Atividade	Datas	Participantes
Visitas de Boas Práticas	Castelo Branco	25 Janeiro 2013	6
	Casas Brancas	5 Março 2013	15
	Astúrias	21 – 24 Abril 2013	8
Rede de Mulheres Empresárias	Reunião em Arraiolos	25 Outubro 2012	12
	Reunião em Arraiolos	21 Novembro 2012	7
	Reunião em Arraiolos	14 Dezembro 2012	3
	Reunião em Arraiolos	9 Janeiro 2013	7
Reforço de Competências	Formação “Moodle 2.0” – 12h	25 Maio – 13 Junho 2012	10
	Formação “Criação do próprio Negócio” – 50h	7 Janeiro – 21 Fevereiro 2013	5
	Workshop “O meu negócio na Internet” – 15h	9 Janeiro – 6 Março 2013	6
	Formação “Saúde da pessoa idosa” – 25h		20
	Formação “Funcionamento no turismo rural” – 36h	20 Maio – 14 Junho 2013	10
	Formação “Ferramentas de gestão para micro empresas de turismo rural” – 100h	11 Junho – 5 Agosto 2013	8
Consultoria	Atendimento e acompanhamento	2013	2
Atendimentos	Atendimentos e Acompanhamentos	2012	15
Divulgação	Newsletters CREmp	2012	7 news
	Newsletter Monte	2012	4 news
	Newsletters - CICLO DE ENCONTROS SOBRE EMPREENDEDORISMO	2012	6 news
	Participação em Feiras <i>Feira de S. João, Évora</i> <i>Feira São Boaventura, Arraiolos</i> <i>Feira da Vinha e Vinho, Borba</i>	2012	3 feiras
Realização de Seminário	Empreendedorismo Desafios e Oportunidades no Alentejo Central,	26 Junho 2012	48
Participação em Encontros/Seminários	1º Encontro sobre Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade	17 Janeiro 2012	1
	2º Encontro sobre Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade	29 Maio 2012	1
	Portugal+Empreendedor+Inovador Divulgação do Programa Estratégico +e+i	31 Janeiro 2013	1

Fonte: Monte ACE

Leituras sugeridas

MERINO, amparo (coord.). (s/d). *Guía del emprendedor social: Inspiraciones para la creación de empresas al servicio de la sociedad*, Madrid, Universidad Pontificia.

Disponível

em:

<http://www.upcomillas.es/investigacion/pdf/Gu%C3%ADa%20del%20empreendedor%20social.pdf>

Esta publicação está subdividida nos pontos que constam seguidamente

BLOCO I Sobre o empreendedorismo social	Introdução
BLOCO II Definindo o modelo de negócio	Capítulo Um · A proposta de valor Capítulo Dois · A criação de valor através da inovação tecnológica
BLOCO III Colocando o negócio em acção	Capítulo Três · Os destinatários do empreendedorismo social Capítulo Quatro · Atribuindo um preço à proposta de valor Capítulo Cinco · Aproximação ao cliente: distribuição Capítulo Seis · Estratégia de comunicação Capítulo Sete · Gestão sustentável da cadeia de abastecimento Capítulo Oito · Fontes de financiamento Capítulo Nove · Dimensão tecnológica
BLOCO IV	Conclusões

NOTÍCIAS

Mentor-Emprende

O “Mentor-Emprende” é um motor de busca especializado em conteúdos relacionados com “empreendedorismo e criação de empresas” e destina-se a estudantes, mas também a quem esteja a pensar criar o seu próprio negócio, explica a Universidade do Porto (UP), em comunicado de imprensa.

O motor de busca, uma espécie de “Google” do empreendedorismo que especialistas em empreendedorismo da UP ajudaram a desenvolver, está agora disponível em língua portuguesa. A iniciativa tem o objectivo de auxiliar os utilizadores a encontrar, de uma forma fácil e sistematizada, conteúdos de empreendedorismo.

Com o motor de busca, as dificuldades diminuem para aquelas pessoas sem formação na área da inovação, mas que pretendem ser empreendedoras.

O motor de busca é de acesso gratuito, está disponível na página da Internet da [RedEmprendia](#) e reúne diversas universidades ibero-americanas, que promovem o conhecimento, inovação e empreendedorismo. A UP é uma das duas universidades portuguesas que colaboraram na

implementação deste motor de busca, mas a estrutura foi criada por especialistas da Universidade de Santiago Compostela.

Fonte: <http://p3.publico.pt/actualidade/media/8089/mentor-emprende-um-google-do-empreendedorismo>

Abertura de concurso relativo a um «Estudo sobre o apoio ao potencial empreendedor do ensino superior»

A Comissão Europeia, Direção-Geral da Educação e da Cultura lançou um concurso relativo a um «Estudo sobre o apoio ao potencial empreendedor do ensino superior». O prazo para a apresentação de proposta termina a 30 de Agosto do corrente ano, e os interessados podem aceder aqui ao [anúncio do concurso](#) publicado.

Outras informações sobre o registo desta oportunidade de negócio constam na [base de dados Infoeuropa](#) e/ou no sítio Internet da [Direção-Geral da Educação e da Cultura](#)

Plataforma para apoio a projetos de negócio apresentados por desempregados

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) lançou no dia 30 de Abril um fundo de investimento social, o primeiro do país, que visa dar apoio a desempregados — e não só — com ideias empreendedoras na área social.

Os candidatos à implantação de projectos geradores de valor social puderam, entre 1 e 31 de Maio, candidatar-se ao programa de apoio ao empreendedorismo, alimentado por este fundo.

A plataforma promotora do Fundo reuniu diferentes activos de 25 parceiros — entre os quais o Ministério da Solidariedade e Segurança Social, as câmaras de Lisboa e Cascais ou o Instituto do Emprego e Formação Profissional — para os colocar ao dispor dos empreendedores e dos projectos que foram apoiados.

A ajuda não foi só financeira, pois estavam previstos apoios logísticos, jurídicos ou ao nível do *marketing edesign*, por exemplo. Previa-se que o programa de apoio ao empreendedorismo poderia vir a ajudar entre 30 a 50 projectos.

Plano para a Igualdade da Terras Dentro

No passado dia 19 de Abril pelas 16h (Casa Santos Murteira, em Alcaçovas), teve lugar a apresentação pública do Plano para a Igualdade da Terras Dentro, no âmbito do Projeto "Iguais na Diferença"/7.2 POPH - iniciativa integrada no 22º Aniversário da referida Associação. A apresentação esteve a cargo de David Serra, coordenador do projeto e de Ana Costa, do GRAAL (Movimento Internacional de Mulheres). Por iniciativa do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, o referido Plano foi também já apresentado nesta Universidade no dia 28 de Maio transacto.

AGENDA

No próximo dia 25 (uma 3ª feira), pelas 16:30, terá lugar no Hotel Dom Fernando, em Évora, o lançamento do livro *Empreendedorismo, Igualdade de Género e Desenvolvimento Regional e Local*, publicação que tem como finalidade divulgar os conhecimentos / ensinamentos, resultados e reflexões decorrentes da participação no projeto Winnet8 por parte dos representantes das entidades portuguesas envolvidas na iniciativa, e a qual inclui os três seguintes capítulos:

1. Dinâmicas de Desenvolvimento em Territórios de Baixa Densidade.

2. Políticas Regionais de Apoio ao Empreendedorismo e Promoção da Igualdade de Género.

3 – Modelos de Centros de Recursos para Mulheres (Women Resource Centres - WRC).

A sessão é aberta a quem se interessa pelas matérias referidas.

Este evento encontra-se integrado no programa de actividades da Feira do Empreendedorismo, promovido pelo Monte-ACE, durante a Feira de S. João 2013.

TESE realiza Faz-Te Forward Open Day

A TESE vai apresentar o resultados da 1ª edição do programa Faz-Te Forward no Faz-Te Forward Open Day, que terá lugar no dia 25 de junho, na Fábrica do Braço de Prata, em Lisboa. O evento inclui workshops em softskills e sessões experimentais de coaching para jovens, bem como uma conferência que terá como mote “Faz-Te ao Futuro”. O dia é aberto a todos os jovens e público em geral.

Este programa promovido pela TESE foi lançado o ano passado e termina agora a sua 1ª edição, tendo como objetivo central a capacitação de jovens adultos no sentido de aumentar a sua empregabilidade e inclusão profissional. Inclui em cada edição, de regularidade anual, formação em softskills, coaching e mentoria, tendo reunido, nesta edição inicial, 30 jovens da Área Metropolitana de Lisboa.

Fonte: <http://www.impulsopositivo.com/content/tese-realiza-faz-te-forward-open-day>

ANEXO I - RESULTADOS DO 1º ENCONTRO

O 1.º Encontro sobre **Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade, em Conjuntura de Crise Sistémica**, promovido pelo CISA-AS, no âmbito do Grupo de Reflexão sobre esta temática, decorreu no passado dia 17 de Janeiro, na Universidade de Évora.

O programa contemplou, na parte da manhã, três sessões plenárias que abordaram as orientações da União Europeia para 2014-2020 no que se refere aos Territórios de Baixa Densidade em geral e ao empreendedorismo, em particular; o papel e a importância do empreendedorismo nestes territórios, num momento de crise, e a apresentação do projecto para implementação de um Centro de Recursos para Apoio ao Empreendedorismo – CREmp.

Na Sessão de abertura estiveram presentes a Dr.ª Lina Jan (Vice-Presidente da CCDR Alentejo), o Prof. José Alberto Machado (Director da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora), o Prof. Domingos Braga (Director do CISA-AS) e a Prof.ª Maria da Saudade Baltazar, que fez um breve enquadramento da presente iniciativa no Projecto WINNET8.

Na Sessão Plenária, moderada pela Prof.ª Maria da Saudade Baltazar, o primeiro orador - Dr. Joaquim Fialho, apresentou uma comunicação sobre as políticas públicas para as regiões de baixa densidade populacional, falou da estratégia de desenvolvimento que tem vindo a ser desenvolvida na região, com suporte nos programas LEADER e PROVERE e indicou as principais linhas orientadoras do FEDER, FSE e FEADER.

Relativamente à estratégia de Desenvolvimento Rural, afirmou que esta deve passar pelos seguintes três pilares: a) Pessoas b) Economia c) Emprego.

Como ideias mobilizadoras para o próximo período de financiamento (2014-2020), avançou a necessidade de uma conjugação de actividades tradicionais com soluções de modernidade, a necessidade de integração do meio urbano-rural e referiu a importância da simplificação das normas que regem os fundos.

de



Como linhas facilitadoras do empreendedorismo destacou as seguintes: i) formação e qualificação; ii) iniciativas empresariais pequena escala e microempresas, e iii) um papel de maior intervenção das entidades públicas como facilitadores da comunicação entre os diversos intervenientes existentes nestes espaços.

Finalizou a sua intervenção reforçando a ideia de que as especificidades do território devem ser encaradas como potencialidades e não problemas.

Ainda nesta sessão, o segundo orador – Dr. David Marques, referiu-se ao papel da ESDIME na promoção do empreendedorismo em Messejana e mais concretamente às dificuldades de se ser empreendedor nestes territórios, elencando uma série de constrangimentos, dos quais se destacam os seguintes: i) Ausência de capital; ii) Baixa motivação; iii) Fraco conhecimento dos mercados; iv) Fraco apoio social e familiar.

Como forma de atenuar estas dificuldades deixou algumas pistas para o futuro, tais como: i) Estimular o espírito empreendedor nas escolas; ii) Sensibilizar para a prática do empreendedorismo; iii) Criação de redes para a cooperação empresarial; iv) Novas iniciativas de apoio à conciliação da vida familiar e profissional.

A terceira oradora desta Sessão, Dr.ª Maria Casinhas (MONTE-ACE), apresentou uma breve descrição do projecto Winnet8/INTERREG IVC e como o Plano de Acção que se concebeu no decurso deste projecto foi a génese para a criação de um Centro de Recursos para Mulheres no Alentejo Central. De seguida passou a enumerar as linhas gerais do projecto para implementação do CREmp – Centro de Recursos de Empreendedorismo na Região Alentejo, fruto de uma candidatura apresentada em parceria com a ADRACES ao abrigo do PRODER – Subprograma 3, Cooperação.

Durante a tarde decorreram três sessões paralelas, subordinadas aos seguintes temas:

- **Sessão 1 – Identificação das principais dificuldades e propostas de solução para a mobilização de potenciais empreendedoras(es)**, dinamizada pela Dr.ª Filipa Gouveia (APME) e pelo Dr. Manuel Lopes (ADTR), na qual foram elencadas como principais causas destas dificuldades, o papel tradicional da mulher e a sua dificuldade em romper com este papel, o preconceito social e organizacional face à mulher empreendedora e o enquadramento e características actuais desfavoráveis para o empreendedorismo. Como estratégias para atenuar estas dificuldades, foram referidas: a necessidade de promover e tirar partido das características inatas das mulheres (por exemplo a perseverança), fomentar o trabalho em rede para o apoio à mulher empreendedora e a divulgação dos casos de sucesso de empreendedorismo feminino.
- **Sessão 2 – Problemas enfrentados pelas(os) empreendedoras(es) nos territórios de baixa densidade populacional, em particular**, coordenada pelo Dr. David Marques (ESDIME) e pela Dr.ª Alexandra Correia (Terras Dentro), na qual foram identificados como problemas enfrentados os que decorrem do contexto histórico e demográfico da região, das relações com o Estado/legislação e burocracia e a falta de relação entre empreendedores: partilha e acesso à informação. Como soluções possíveis para ultrapassar este constrangimento foram debatidas as seguintes propostas: soluções colectivas e partilhadas; criação de uma rede de empreendedorismo; e a educação e informação direccionada para o empreendedorismo.
- **Sessão 3 – Identificação dos principais sectores com potencial para criação de negócios e emprego na região**, coordenada pelo Prof. Rui Fragoso (Clube de Empreendedorismo da UE) e pela Dr.ª Maria Luísa Silva (CLDS Évora), abordou a temática numa perspectiva de elencar os sectores onde o empreendedorismo pode ter uma boa oportunidade de sucesso. Os Serviços Pessoais e de Proximidade, o sector Agro-alimentar, Agro-pecuário, o Turismo e as Energias renováveis, foram referidos como boas opções de aposta.

As conclusões deste encontro foram apresentadas em sessão plenária, moderada pelo Prof. Marcos Olímpio, e comentadas por um painel composto por representantes de diversas organizações estreitamente relacionadas com a temática: Dr. Luís Cavaco (ADRAL), Dr. João Mateus (Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo), Dr. José Costa (Delegação Regional do IEF) e Dr. António Cebola (IAPMEI).

Destas intervenções finais, destacam-se as seguintes ideias:

- O trabalho em rede e a partilha entre agentes locais e regionais é essencial;
- É necessário que se proceda à identificação e partilha de informação sobre o conjunto de projectos e iniciativas aprovadas a nível do empreendedorismo, de modo a cada agente conhecer o trabalho que está a ser desenvolvido na região;
- Deve dar-se importância à identificação de “Case Studies” dos insucessos, uma vez que a determinação das falhas é essencial para melhorar a actuação futura;
- É necessário que exista uma alteração na forma de organização do ensino para permitir uma aprendizagem mais promotora do espírito empreendedor;
- A consultoria às empresas deve ser objecto de melhoria, através da aposta na formação dos técnicos para apoio à realização dos estudos de viabilidade e planos de negócios;
- O povo português é empreendedor, tendo vindo a revelar importantes contributos na área da criatividade, mas tem uma reduzida apetência para o mercado; com estímulo e trabalho sobre este domínio, existe efectivamente potencial para que o país se torne cada vez mais empreendedor.

Ficando para reflexão as seguintes duas questões:

1. Por que razão os empreendedores e empresários não recorrem em maior número aos apoios que estão ao seu dispor (sistemas de incentivos; apoio técnico; consultoria...)?
2. Que Boas Práticas e casos de insucesso existem na área do empreendedorismo (com enfoque nos casos de insucesso)? E como os identificar e divulgar?

As intervenções completas e resultados desta iniciativa poderão ser consultadas na webpage do CISA-AS:

www.cisa-as.uevora.pt

ANEXO II - RESULTADOS DO 2º ENCONTRO



O 2.º Encontro sobre Empreendedorismo em Territórios de Baixa Densidade, promovido pelo Conselho Consultivo do CREMP e organizado pelo CISA-AS/UE, decorreu no passado dia 29 de Maio no Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora.

Estiveram presentes na Sessão de Abertura o Dr. Joaquim Fialho, em representação da CCDR Alentejo, a Dr.ª Inácia Rebocho, representando o Monte-ACE e o Prof. Domingos Braga, docente da Universidade de Évora e Director do CISA-AS.

Na Sessão Plenária da manhã, moderada pelo Dr. João Mateus (Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo), o Dr.



Luís Cavaco, apresentou uma comunicação sobre os contributos / importância do Empreendedorismo no processo de sustentabilidade regional, destacou o trabalho que a ADRAL tem desenvolvido neste sentido, enumerando e descrevendo alguns dos seu principais projectos de incentivo e apoio ao empreendedorismo. Sendo apontados como mais valia para a região os vários programas, medidas e projectos de incentivo ao empreendedorismo e a diversidade de entidades que desenvolvem a sua actividade neste âmbito, sendo no entanto necessária uma melhor coordenação entre estas entidades.

No que se refere às limitações / constrangimentos para o empreendedorismo na região Alentejo, surgiram, entre outras, as seguintes ideias chave: i) Baixa densidade regional: pode ser uma oportunidade e/ou limitação (por um lado tem associada, por exemplo, qualidade ambiental, por outro a falta de recursos/massa crítica, que poderá condicionar futuros projectos; ii) Fraca “cultura” de fracasso: relutância, peso negativo do não sucesso, que desmotiva o empreendedor para novos projectos/obstáculo a novos financiamentos; iii) Importância de reconhecer o risco inerente a uma acção empreendedora (estar preparado para o sucesso e insucesso).

A esta comunicação seguiu-se o testemunho na primeira pessoa de duas empreendedoras, Catarina Bucho Machado e Helena Manso Ribeiro (mais informações no ponto ...Prática), que, tomando partido das mais valias e fazendo face aos constrangimentos actuais, com o apoio da ADRAL, conseguiram tornar-se empreendedoras de sucesso.

Dos seus relatos, destacam-se algumas lições aprendidas: i) é necessário persistência e resiliência para enfrentar as questões burocráticas e outras adversidades e contratempus; ii) a importância das parcerias na implementação de projectos (diferentes áreas de formação, projectos diferentes que se complementam entre si); iii) a importância da ligação à comunidade envolvente: criar serviços que possam servir a comunidade, aproveitar os recursos/produtos locais, a



produção de familiares, amigos e vizinhos para desenvolver o negócio, acabando por toda a envolvente beneficiar; iv) a importância da aprendizagem contínua/recurso aos centros do saber (escolas, universidades) para actualizar e desenvolver novos conhecimentos.

Durante a tarde decorreram três sessões paralelas subordinadas aos seguintes temas:

- **Sessão 1 – Criação de uma cultura de parceria e trabalho em rede entre as entidades que promovem e apoiam o empreendedorismo e os empreendedores(as)**, dinamizada pelo Dr. Luís Castilho (ADRAL) e moderada



pelo Dr. António Cebola (IAPMEI), ficando o relato da mesma a cargo da Dr.ª Patrícia Casimiro (Município de Reguengos de Monsaraz). O grupo de trabalho começou por discutir a existência ou não de um efectivo trabalho em rede entre as entidades que promovem e apoiam o empreendedorismo no Alentejo. Tendo-se chegado à conclusão da sua não existência, foram debatidas algumas ideias sobre as entidades que deveriam formar a rede e apresentadas algumas sugestões sobre o seu modelo de organização e funcionamento. Uma vez que a ADRAL está neste momento, no âmbito do projecto Alentejo Empreende a

estabelecer contactos para formar uma rede de trabalho, considerou o grupo que esta seria uma oportunidade. Segundo os presentes nesta sessão a rede a formar deverá ser informal, tendo no entanto que existir uma base de governação ou código de conduta. O foco deverá ser sempre o o empreendedor e não na rede. Esta funcionará para obtenção de conhecimento e troca de informação, com o objectivo final de servir alguém e esse alguém será sempre o empreendededor. De entre as sugestões apresentadas para uma melhor articulação dentro desta rede, destacam-se as seguintes: i) Não deve existir uma hierarquia dentro da rede, apenas pontos de ligação e alguém que coordene; ii) Deve realizar-se um encontro semestral ou anual entre os elementos da rede, para partilha de informação.

- **Sessão 2 – Educação / Formação para o Empreendedorismo**, dinamizada pela Dr.ª Maria Luísa Silva (CLDS Évora) e moderada pela Dr.ª Elisabete Felix (Universidade de Évora), ficando o relato da mesma a cargo da Dr.ª Antónia Baião (COMOIPREL). Relativamente ao conceito de empreendedorismo as opiniões do grupo dividiram-se

entre os que entendem que se trata de uma atitude ou comportamento e os que consideram o empreendedorismo como uma disciplina a ser ensinada. Neste perspectiva, foi unânime a necessidade de ser ministrado o ensino para o empreendedorismo a logo no Jardim de Infância (Pré-Escolar). O Professor deverá ser, ele próprio um empreendedor para poder ensinar a ser-se empreendedor. Contudo, levantaram-se dúvidas relativamente à preparação pedagógica dos professores para o ensino do empreendedorismo, se entendido como disciplina curricular, ficando no campo da reflexão se se ensina a ser empreendedor ou se já se nasce empreendedor, ou ainda se o empreendedorismo é uma resposta circunstancial. Segundo a opinião da maioria o Professor deverá ser um “coach”/tutor. Também nesta sessão foi referida a importância do trabalho em rede numa lógica de parceria (com empresas, organizações e instituições de ensino), numa perspectiva de abertura das escolas, enquanto unidades do sistema de ensino. Foram abordados alguns exemplos do que acontece nas escolas dos Países Nórdicos e Estados Unidos da América.



• **Sessão 3 - Empreendedorismo em geral, empreendedorismo jovem e feminino, em particular, na agricultura alentejana**, dinamizada pelo Dr. Victor Dordio (Dynmed Alentejo) e moderada pela Dr.ª Fernanda Pereira (Politécnico de Beja), sendo o relato da responsabilidade da Dr.ª Laurinda Grosso (CISA-AS/UE). A sessão de trabalho iniciou-se com o testemunho de alguns pequenos empresários presentes na sala (Teresa Laranjeiro – Cactus Extractus, Lda. e José Arranja), a partir da qual se discutiu a existência de sub-setores com potencial na região, tendo sido apontadas, por um lado, as culturas inovadoras, como por exemplo o figo-da-india, e, por outro lado, as culturas tradicionais, aproveitando também as potencialidades do território, no que se refere, por exemplo, às Plantas Aromáticas. No entanto, os agricultores em geral e no Alentejo em particular, enfrentam alguns problemas no que se refere ao acesso à terra, relativos a financiamento e às incertezas quanto ao novo quadro comunitário, entre outros. Das propostas apresentadas na sessão para reforçar o empreendedorismo agrícola no Alentejo, destacam-se as seguintes: i) É necessário que o negócio criado suprima uma necessidade; ii) O IIEFP deverá começar a formar para o empreendedorismo; iii) Sensibilizar as próprias instituições locais (autarquias, associações, misericórdias) que possuem terras para que as coloquem disponíveis para arrendamento; iv) Criar redes de apoio aos empreendedores, entre as instituições.



As conclusões deste encontro foram posteriormente apresentadas em sessão plenária, moderada pela Dr.ª Inácia Rebocho e comentadas pelo Prof. Adriano Pedro (Instituto Politécnico de Portalegre), Prof. Luís Santa Maria (Instituto Politécnico de Beja) e o Prof. Rui Frago (Universidade de Évora).

Destas intervenções finais, destacam-se as seguintes ideias:



- Importância da atitude empreendedora não estando ainda a escola, nos vários níveis de ensino, vinculada à formação de estudantes empreendedores;
- Importância da formação de professores em empreendedorismo;
- O empreendedorismo não é inato, pelo contrário pode ser aprendido, especialmente se houver processos de ensino desde as fases mais precoces do desenvolvimento das crianças;
- Importância para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora logo desde a infância, adquirindo ferramentas a

desenvolver noutros níveis de ensino;

- Importância da constituição de redes, de forma a contribuir mais rapidamente para a criação de valor, potenciando aquilo que cada organização dispõe;
- A baixa densidade pode ser um constrangimento mas também pode ser uma oportunidade;
- É fundamental que o empreendedor esteja sempre atento à informação e sempre a aprender;
- Apesar das várias interpretações que podem existir para o conceito de empreendedorismo em função do seu enquadramento, no contexto actual do Alentejo, o empreendedorismo relacionado com os negócios deve ser o conceito predominante.

Os relatos integrais desta iniciativa, que se encontram em apreciação por parte dos/as intervenientes, para emissão de sugestões de melhoria, poderão ser consultados na webpage do CISA-AS: <http://www.cisa-as.uevora.pt/empreendedorismo.htm>

Coordenação: Coordenação do Conselho Consultivo do CREmp (Monte-ACE, CCDR Alentejo e Universidade de Évora)

Composição: Marcos Olímpio